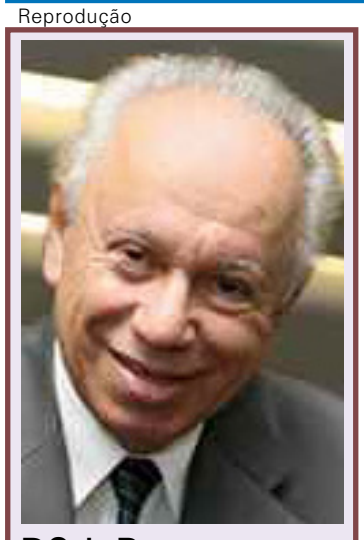
Repúdio ao negacionismo do Planalto

Manifesto da elite financeira já tem 1700 assinaturas

Reprodução



PCdoB comemora 99 anos e presta homenagem a Haroldo Lima

Neste 25 de março, o PCdoB (Partido Comunista do Brasil) completou 99 anos de construção e existência, rumo ao centenário de luta pelo Brasil e o povo brasileiro. A comemoração teve um misto de muita alegria e tristeza. Alegria, comemorada por seus membros, por tratar-se de o Partido mais antigo e longevo do Brasil, com muitas histórias e compromissos com o país e o povo brasileiro. Como diria o consagrado poeta Ferreira Gullar, que já pertenceu aos quadros comunistas, e que outrora recitou em prosa e verso: "… quem contar a história de nosso povo e seus heróis tem que falar dele [o Partido Comunista do Brasil]. Ou estará mentindo." A tristeza pungente deriva do fato de um dia antes, na madrugada de quarta-feira (24), o coração do ex-deputado constituinte Haroldo Lima — um dos mais destacados e ilustres quadros nacionais do PCdoB —, parou de pulsar. Ele morreu depois de lutar por longos dias; não resistiu e sucumbiu às complicações da Covid-19. Haroldo tinha 81 anos e estava internado em Salvador (BA). **Pág. 3**

HORA DO POVO

ANO XXXI - Nº 3.799 31 de Março a 6 de Abril de 2021

1 REAL BRASIL

Nas bancas toda quarta e sexta-feira

Banqueiro do Itaú: Bolsonaro "não vai ter mais o meu voto"

A carta aberta assinada por banqueiros e empresários, entre ex-presidentes do Banco Central, do BNDES e do Ministério da Fazenda de vários governos, atingiu cerca de 1.700 assinaturas na quinta-feira (25). Intitulada "País Exige Respeito; a Vida Necessita da Ciência e do Bom Governo". Para o banqueiro Luis Stuhlberger, gestor do Fundo Verde do Banco Itaú, "o Brasil foi o pior país do mundo na condução da pandemia". "Se fosse possível dois países terem regimes opostos nas políticas de combate à pandemia, eu diria que seriam a China e o Brasil", disse. **Pág. 2**

Governo derruba o auxílio emergencial para 150 reais

Reprodução Twitter

Jair Bolsonaro assinou o decreto que regulamenta as regras para liberar a nova rodada do auxílio emergencial, que varia de R$ 150 a R$ 375, sendo em média R$ 250, que deverá atender 45,6 milhões de famílias. Com os valores tão baixos, que sequer pagam metade de uma cesta básica, o auxílio emergencial não conseguirá manter em casa, em isolamento social, milhões de brasileiros no pior momento da crise sanitária, que já tirou a vida de mais de 300 mil pessoas. **Página 2**

Bolsonaro respalda saudação nazi-racista: "É um gesto bacana, mas pega mal para mim"

Começou a circular nesta sexta-feira (26) na internet um vídeo em que Jair Bolsonaro aparece cercado por alguns seguranças, quando um dos seus seguidores, ao aproximar-se para tirar fotos, fez o mesmo gesto nazi-racista (white power) com que assessor especial da Presidência, afrontou o Senado da República. **Página 3**

"A CPI se tornou urgente", após fala de Pazuello, diz Flávio Dino

Para o governador do Maranhão, Flávio Dino (PCdoB), é urgente a instalação da CPI para investigar a atuação do governo na pandemia, especialmente após a fala do ex-ministro Pazuello. "Ele fala em corrupção, lobby, pressão, pareceres falsos. Se havia dúvida, juridicamente falando, agora não tem mais. Temos responsabilidade a apurar", acrescentou o governador, em entrevista ao Valor Econômico. **Pág. 3**

Rússia e China saúdam parceria estratégica, pilar da paz mundial

Pequim e Moscou, cujo tratado de amizade e cooperação está completando 20 anos, marcaram a data com a ida do ministro das Relações Exteriores Sergei Lavrov a Guilin, cidade turística do sul da China, onde se reuniu na segunda-feira (22) com seu homólogo chinês, Wang Yi, na primeira visita de alto nível desde o início da pandemia. O acordo será prorrogado por mais cinco anos. **Página 7**

"ButanVac, marco na retomada da produção nacional de vacinas"

HP

"O anúncio desse desenvolvimento, de uma vacina do Butantan, tem algumas características especiais, é muito interessante, mas, de qualquer modo, ainda falta saber mais detalhes sobre essa tecnologia, porque vivemos em tempos de sobrevalorização do marqueting e de corrida midiática", disse ao HP o médico sanitarista Eduardo Costa. Eduardo, que é professor da Escola Nacional de Saúde Pública, da Fundação Osvaldo Cruz (Fiocruz), lembra que "quase todas as vacinas que foram usadas no passado, até 1964, eram vacinas desenvolvidas dentro do país". **Página 4**

Morre o PM que, em surto, atirou contra policiais do Bope na BA

Policiais militares baianos revidaram um ataque do soldado Weslei Soares que, em um surto, disparou tiros de fuzil, na noite do domingo (28), no Farol da Barra, em Salvador. Equipe do Bope tentou negociar com o policial por 3 horas e meia, mas o homem acabou atingido por tiros depois de disparar cerca de dez tiros com fuzil contra os policiais. **Página 4**

Após queimar o capitão Cloroquina, Araújo pede para sair

Pág. 3

Foto: Agência Petrobrás

Refinaria Landulpho Alves (RLAM)

Com aval do governo, Castello Branco sai da Petrobrás entregando RLAM para fundo árabe

Às vésperas de sair da presidência da Petrobrás, Roberto Castello Branco, escalado por Paulo Guedes para desmontar a maior estatal brasileira, aprovou no Conselho de Administração, nesta quarta-feira (24), a entrega da Refinaria Landulpho Alves (RLAM), na Bahia, para um fundo dos Emirados Árabes, Mubdala Capital, por apenas US$ 1,65 bilhão (cerca de R$ 9,1 bilhões – valor em real calculado no câmbio de 23/03/2021).

O preço negociado pela Petrobrás para a venda da Refinaria Landulpho Alves (RLAM) ao fundo Mubadala Capital é cerca de 50% inferior ao seu valor em comparação com os cálculos estimados pelo Instituto de Estudos Estratégicos de Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (Ineep). "De acordo com os parâmetros utilizados, a refinaria localizada na Bahia está avaliada, ao câmbio atual, entre US$ 3 bilhões e US$ 4 bilhões", diz o comunicado do Ineep divulgado em 8 de fevereiro, período em foi anunciado a negociata.

Segundo o Estadão, no documento enviado aos membros do Conselho de Administração, a direção da estatal admite que subavaliou o patrimônio público ao informar que o valor de R$ 1,65 bilhão fechado com o Mubadala é inferior à faixa média de referência calculada por ela.

A Refinaria Landulpho Alves é a primeira das oito de 13 refinarias que o governo Bolsonaro pretende privatizar até o final de 2021, ou cerca de 50% da capacidade produtiva de combustíveis e derivados do petróleo, Isso significa privatizar metade do parque nacional de refino.

Com a privatização das refinarias, os monopólios privados e estrangeiros ficarão totalmente livres para definir os preços dos combustíveis e do gás de cozinha de acordo com seus interesses, ou de seus lucros, em prejuízo da indústria, do comércio e da população brasileira. Assim como não terão qualquer compromisso em fazer chegar o produto a todos os cantos do país.

A política de preços submetida à paridade de importação (PPI), ancorada na flutuação da cotação internacional do barril de petróleo, em dólar, só beneficiou os acionistas estrangeiros e os importadores. Política que fez explodir os preços dos combustíveis e do botijão de gás de cozinha, que chegou ao absurdo de R$ 100, em média, em plena pandemia da Covid-19, para o bem dos acionistas estrangeiros e desespero de milhões de famílias brasileiras.

As outras sete refinarias oferecidas para privatização, de preferência a estrangeiros, estão: Presidente Getúlio Vargas (PR); Refinaria Alberto Pasqualini (REFAP), no Rio Grande do Sul; Refinaria Isaac Sabbá (REMAN), no Amazonas; Refinaria Abreu e Lima (RNEST), em Pernambuco; Refinaria Gabriel Passos (REGAP), em Minas Gerais; Lubrificantes e Derivados de Petróleo do Nordeste (LUBNOR), no Ceará; e a Unidade de Industrialização do Xisto (SIX), no Paraná.

RLAM

A RLAM, localizada no Recôncavo Baiano, possui capacidade de processamento de 333 mil barris/dia (14% da capacidade total de refino de petróleo do Brasil), e seus ativos incluem quatro terminais de armazenamento e um conjunto de oleodutos que interligam a refinaria e os terminais, totalizando 669 km de extensão.

Entre os principais produtos estão: diesel; gasolina; querosene de Aviação (QAV); asfalto; nafta petroquímica; gases petroquímicos (propano, propeno e butano); parafinas; lubrificantes; GLP; óleos combustíveis (industriais, térmicas e bunker).

Escreva para o HP
horadopovo@horadopovo.com.br

HORA DO POVO
é uma publicação do
Instituto Nacional de
Comunicação 24 de agosto
Rua José Getúlio,67, Cj. 21
Liberdade - CEP: 01509-001
São Paulo-SP
E-mail: inc24agosto@uol.com.br
C.N.PJ 23.520.750/0001-90

Editor-Geral: **Clóvis Monteiro Neto**
Redação: fone (11) 2307-4112
E-mail: horadopovo@horadopovo.com.br
E-mail: comercial@horadopovo.com.br
E-mail: hp.comercial@uol.com.br
Redação: Rua Mazzini, 177 - São Paulo - CEP: 01528-000

Sucursais:
Rio de Janeiro (RJ): IBCS - Rua Marechal Marques Porto 18, 3º andar, Tijuca - Fone: (21) 2264-7679
E-mail: hprj@oi.com.br
Brasília (DF): SCS Q 01 Edifício Márcia, sala 708 - CEP 70301-000
Fone-fax: (61) 3226-5834 E-mail: hp.df@ig.com.br
Belo Horizonte (MG): Rua Mato Grosso, 539 - sala 1506 Barro Preto CEP 30190-080 - Fone-fax: (31) 271-0480
E-mail: horadopovomg@uol.com.br
Salvador (BA): Fone: (71) 9981-4317 -
E-mail: horadopovobahia@oi.com.br
Recife (PE): Av. Conde da Boa Vista, 50 - Edifício Pessoa de Melo, sala 300 - Boa Vista - CEP 50060-004
Fones: (81) 3222-9064 e 9943-5603
E-mail: horadopovope@yahoo.com.br
Belém (PA): Avenida Almirante Barroso/Passagem Ana Deusa, 140 Curió-Utinga - CEP 66610-290. Fone: (91) 229-9823
Correspondentes: Fortaleza, Natal, Campo Grande, Rio Branco, João Pessoa, Cuiabá, Porto Alegre, Florianópolis e Curitiba.

www.horadopovo.com.br

Banqueiro rompe com Bolsonaro: "você não vai ter mais meu voto"

Foto: Reprodução live Valor

Luis Stuhlberger: "se a sociedade brasileira tivesse atendido aos apelos de Bolsonaro, que taxou a pandemia de 'gripezinha, mi-mi-mi, de vamos levar uma vida normal, todo mundo pega e a gente recomeça sem esse aborrecimento todo', seriam 7 milhões de brasileiros mortos"

Mais um deslocamento de um representante da elite financeira da base de Bolsonaro depois do Manifesto de mais de 1700 personalidades. "Se fosse possível dois países terem regimes opostos nas políticas de combate à pandemia, eu diria que seriam a China e o Brasil", sentenciou Luis Stuhlberger, do banco Itaú

O banqueiro Luis Stuhlberger, gestor do Fundo Verde do Banco Itáu, declarou em entrevista ao Estadão, neste fim de semana, que "o Brasil foi o pior país do mundo na condução da pandemia".

Stuhlberger é um dos 1.700 signatários do manifesto da elite financeira, entre banqueiros, industriais, ex-ministros, ex-presidentes do Banco Central e do BNDES, divulgado no domingo passado, com severas críticas à postura negacionista de Jair Bolsonaro durante a pandemia.

Sobre o manifesto, Luis Stuhlberger disse que não tinha nada a acrescentar e quando assinou estava convicto sobre a conduta negacionista de Bolsonaro: "Estou aqui dizendo: votei em 2018, acreditei na sua proposta, mas você (presidente Jair Bolsonaro) não vai ter mais o meu voto".

Ao analisar os últimos doze meses de sua vida e como o Executivo brasileiro lidou com a pandemia, Stuhlberger comparou o atitude do governo com "uma história surreal". "Certamente, o Brasil foi o pior país do mundo na condução do combate à pandemia. Se fosse possível dois países terem regimes opostos nas políticas de combate à pandemia, eu diria que seriam a China e o Brasil", afirmou."

Segundo o banqueiro, enquanto "a China colocou os moradores de Wuhan em casa, com os produtos a serem consumidos entregues uma vez por semana", Bolsonaro "taxou a pandemia de "gripezinha, mi-mi-mi, de vamos levar uma vida normal, todo mundo pega e a gente recomeça sem esse aborrecimento todo".

De acordo com Luis Stuhlberger, "se a sociedade brasileira tivesse atendido aos apelos de Bolsonaro, que taxou a pandemia de "gripezinha, mi-mi-mi, de vamos levar uma vida normal, todo mundo pega e a gente recomeça sem esse aborrecimento todo", seriam 7 milhões de brasileiros mortos. Esse número é um cálculo aproximado do que aconteceu durante a gripe espanhola, quando morreram 3% da população, em relação ao Brasil de hoje. Poderia ser mais gente porque, claro, nem na gripe espanhola a vida foi normal. As pessoas também usaram isolamento social e a atividade econômica caiu. Não é uma acusação ao presidente, mas uma tentativa de entender como ele pensa. Nessa visão utilitarista do Bolsonaro, se morressem 3% das pessoas e sobrassem 97% para recomeçar, estaria tudo bem. Isso, evidentemente, jamais vai acontecer, porque vivemos numa democracia. Mas é essa a impressão que ele passa com o enfrentamento dos últimos 12 meses, ao ir ao Supremo Tribunal Federal (STF) para tolher a ação de prefeitos e governadores, dizer que o direito de ir e vir está na Constituição e não se pode impedir ninguém de trabalhar. É como se os prefeitos e governadores adorassem que o PIB tenha caído, sendo que eles estão desesperados por ter o sistema de saúde colapsando", declarou Luis Stuhlberger na entrevista.

Fotos: Beto Moussalli/Fiesp e IEA USP

Gerdau e Setúbal condenam postura de Bolsonaro frente à pandemia

Manifesto da elite financeira em repúdio ao negacionismo do Planalto já tem 1700 apoios

A carta aberta assinada por banqueiros e empresários, entre ex-presidentes do Banco Central, do BNDES e do Ministério da Fazenda de vários governos, atingiu cerca de 1.700 assinaturas na quinta-feira (25). Intitulada "País Exige Respeito; a Vida Necessita da Ciência e do Bom Governo". O texto foi divulgado no domingo (21) com 220 signatários e já assinaram 1.689 personalidades da elite financeira entre vários setores.

Entre os novos signatários, estão o ex-presidente do Itaú Unibanco Candido Bracher, atualmente no conselho do banco, o empresário Jorge Gerdau Johannpeter, o economista Roberto Giannetti da Fonseca e os ex-ministros do Supremo Tribunal Federal (STF) Antonio Cezar Peluso e Eros Grau. Roberto Setubal e e Pedro Moreira Salles. do Itaú, também assinaram o documento.

Marcilio Marques Moreira, Pedro Malan, Mailson da Nóbrega, Rubem Ricupero, Afonso Celso Pastore, Arminio Fraga, Gustavo Loyola, Ilan Goldfajn e Pérsio Arida, Edmar Bacha e Eleazar de Carvalho estão entre os siganatários do documento que alerta que "a situação econômica e social é desoladora" e que "a vacinação em massa é condição sine qua non para a recuperação econômica e redução dos óbitos". "A insuficiente oferta de vacinas no país não se deve ao seu elevado custo, nem à falta de recursos orçamentários, mas à falta de prioridade atribuída à vacinação", afirma o texto.

"Enquanto caminhamos para atingir a marca tétrica de 3 mil mortes por dia e um total de mortes acumuladas de 300 mil ainda esse mês, o quadro fica ainda mais alarmante com o esgotamento dos recursos de saúde na grande maioria de estados, com insuficiente número de leitos de UTI, respiradores e profissionais de saúde. Essa situação tem levado a mortes de pacientes na espera pelo atendimento, contribuindo para uma maior letalidade da doença", destacava no domingo. Poucas horas depois, nesta quarta-feira (24), o Brasil ultrapassava a triste marca de 300 mil vidas perdidas em consequência da Covid-19.

Os signatários alertam também para a crise econômica e afirmam que "a saída definitiva da crise requer a vacinação em massa da população". Segundo o documento, "esta recessão, assim como suas consequências sociais nefastas, foi causada pela pandemia e não será superada enquanto a pandemia não for controlada por uma atuação competente do governo federal. Este subutiliza ou utiliza mal os recursos de que dispõe, inclusive por ignorar ou negligenciar a evidência científica no desenho das ações para lidar com a pandemia. Sabemos que a saída definitiva da crise requer a vacinação em massa da população".

"Ademais, é necessário levar em consideração que o acréscimo de adesão ao distanciamento social entre os mais vulneráveis depende crucialmente do auxílio emergencial. Há sólida evidência de que programas de amparo socioeconômico durante a pandemia aumentaram o respeito às regras de isolamento social dos beneficiários. É, portanto, não só mais justo como mais eficiente focalizar a assistência nas populações de baixa renda, que são mais expostas nas suas atividades de trabalho e mais vulneráveis financeiramente".

Eles alertam que "o quadro atual ainda poderá deteriorar-se muito se não houver esforços efetivos de coordenação nacional no apoio a governadores e prefeitos para limitação de mobilidade. Enquanto se busca encurtar os tempos e aumentar o número de doses de vacina disponíveis, é urgente o reforço de medidas de distanciamento social. Da mesma forma é essencial a introdução de incentivos e políticas públicas para uso de máscaras mais eficientes, em linha com os esforços observados na União Europeia e nos Estados Unidos".

"O desdenho à ciência, o apelo a tratamentos sem evidência de eficácia, o estímulo à aglomeração, e o flerte com o movimento antivacina, caracterizou a liderança política maior no país. Essa postura reforça normas antissociais, dificulta a adesão da população a comportamentos responsáveis, amplia o número de infectados e de óbitos, aumenta custos que o país incorre".

Os signatários do documento destacam o papel negacionista de Jair Bolsonaro frente à pandemia.

"Apesar do negacionismo de alguns poucos, praticamente todos os líderes da comunidade internacional tomaram a frente no combate ao Covid-19 desde março de 2020, quando a OMS declarou o caráter pandêmico da crise sanitária. Informando, notando a gravidade de uma crise sem precedentes em 100 anos, guiando a ação dos indivíduos e influenciado o comportamento social".

"Líderes políticos, com acesso à mídia e às redes, recursos de Estado, e comandando atenção, fazem a diferença: para o bem e para o mal. O desdenho à ciência, o apelo a tratamentos sem evidência de eficácia, o estímulo à aglomeração, e o flerte com o movimento antivacina, caracterizou a liderança política maior no país. Essa postura reforça normas antissociais, dificulta a adesão da população a comportamentos responsáveis, amplia o número de infectados e de óbitos, aumenta custos que o país incorre", consideraram.

Após três meses sem pagar nada, Bolsonaro reduz auxílio emergencial para R$ 150

Jair Bolsonaro assinou, nesta sexta-feira (27), o decreto que regulamenta as regras para liberar os míseros R$ 250, em média, da nova rodada do auxílio emergencial, que deverá atender 45,6 milhões de famílias e terá valor médio de R$ 250, serão pagos por quatro meses, a partir do mês de abril, depois de três meses sem pagar nada a quem ficou sem renda e emprego por conta da pandemia.

Com os valores que variam de R$ 150 a R$ 375, que sequer pagam uma cesta básica, o valor do auxílio emergencial não mantém em casa, em isolamento social, milhões de brasileiros no pior momento da crise sanitária, que já tirou a vida de mais de 300 mil pessoas.

Diante do agravamento da pandemia, com o colapso dos hospitais, UTIs lotadas, médicos e enfermeiros esgotados, faltando medicamentos e oxigênio, muitos estados e prefeituras foram obrigados a adotar medidas mais severas, como o fechamento mais radical das atividades não essenciais.

O auxílio, além de garantir a renda emergencial aos mais vulneráveis, é uma questão de saúde pública e de compromisso em salvar vidas, contendo o avanço da Covid, como alertam os governadores.

"Diariamente, vemos recorde de mortes, lotação de leitos hospitalares, ameaça de falta de medicamentos e esgotamento das equipes de saúde. O calendário nacional de vacinação e a obtenção de novas doses de imunizantes contra a Covid-19 estão mais lentos do que as respostas que precisamos para reverter esse quadro", manifestaram em carta ao Congresso Nacional, esta semana, 16 governadores.

Eles defendem a volta do auxílio emergencial de R$ 600, com os mesmos critérios de acesso de 2020, e alertam que "a redução dos valores do auxílio emergencial é inadequada para a eficácia da proteção da população. Enquanto a vacinação não acontecer em massa, precisamos garantir renda para a população mais vulnerável".

DECRETO

O decreto de Bolsonaro foi publicado em edição extra do Diário Oficial da União (DOU) e os detalhes das regras para recebimento da renda emergencial constam de portaria do Ministério da Cidadania. Segundo a pasta, os beneficiários do Bolsa Família começarão a receber no dia 16 de abril, de acordo com o calendário do programa.

Segundo o governo, as pessoas que moram sozinhas receberão apenas R$ 150; as famílias com mais de uma pessoa terão direito a R$ 250, mas apenas uma pessoa da família poderá receber e as mulheres que cuidam sozinhas dos filhos vão receber R$ 375.

"Os trabalhadores não elegíveis para o recebimento no mês de dezembro de 2020 não poderão solicitar, por qualquer meio, o auxílio emergencial 2021", diz o decreto. Isso significa que aqueles que perderam emprego e agora estão enfrentando o pior momento da pandemia vão ficar completamente no abandono.

Reprodução

Haroldo Lima foi deputado constituinte de 88

PCdoB comemora em evento 99 anos e presta homenagem ao combatente Haroldo Lima

O ato virtual contou com a participação de dirigentes de todos os partidos do campo democrático e progressista, numa ampla frente contra a tragédia bolsonarista

Neste 25 de março, o PCdoB (Partido Comunista do Brasil) completou 99 anos de construção e existência, rumo ao centenário de luta pelo Brasil e o povo brasileiro. A comemoração teve um misto de muita alegria e tristeza. Alegria, comemorada por seus membros, por tratar-se de o Partido mais antigo e longevo do Brasil, com muitas histórias e compromissos com o país e o povo brasileiro.

Como diria o consagrado poeta **Ferreira Gullar**, que já pertenceu aos quadros comunistas, e que outrora recitou em prosa e verso: "... quem contar a história de nosso povo e seus heróis tem que falar dele [o Partido Comunista do Brasil]. Ou estará mentindo."

A tristeza pungente deriva do fato de um dia antes, na madrugada de quarta-feira (24), o coração do ex-deputado constituinte Haroldo Lima — um dos mais destacados e ilustres quadros nacionais do PCdoB —, parou de pulsar. Ele morreu depois de lutar por longos dias; não resistiu e sucumbiu às complicações da Covid-19. Haroldo tinha 81 anos e estava internado em Salvador (BA).

HOMENAGENS AO COMBATENTE

"Haroldo vinculava sua atividade parlamentar às jornadas de mobilização do povo e da classe trabalhadora. Colocava sua liderança a serviço da construção do Partido, viajava pelo país ajudando edificar a legenda dos oprimidos. Espelho disso, é a força do PCdoB da Bahia, sua terra natal, onde semeou e fez crescer, com seus camaradas, um Partido forte", homenageou **Luciana Santos**, vice-governadora de Pernambuco e presidente nacional do PCdoB.

Em nome da bancada federal do PCdoB na Câmara dos Deputados, o líder **Renildo Calheiros** (PE) homenageou Haroldo Lima, recitando improvisado poema de cordel dedicado ao histórico dirigente político falecido: "Escapou de armadilhas, / Livrou-se de tocaias, / Pulou muitas fogueiras, / Soltou muitas jandaias, / Navegou muitos mares, / Fugiu das arraias. / Suas veias tem sangue, / E águas do Araguaia."

PROGRAMA A HAROLDO LIMA

No "Ato Nacional dos 99 anos do PCdoB", em programa transmitido pela plataforma do *Youtube*, nesta quinta, o Partido dedicou-o a Haroldo Lima, homenagem póstuma. "Partido patriótico, que defende a soberania nacional, defende uma política externa independente, investimentos em ciência, tecnologia e educação. De modo a autenticamente desenvolver o nosso País", destacou **Flávio Dino**, do PCdoB, governador do Maranhão.

"A história do Partido Comunista do Brasil é a história de lutas em defesa do povo brasileiro e de um projeto de Nação que faça o Brasil se realizar e realizar o seu destino grandioso e faça o Brasil deixar de um sonho e seja a realização desse sonho", disse a ex-deputada federal **Manuela d'Ávila** (RS).

O filho do ex-presidente João Goulart (Jango), **João Vicente Goulart**, da direção nacional do PCdoB, manifestou a "grande satisfação de daqui a um ano estarmos preparando o centenário desse grande Partido".

"Deixa enorme vazio", disse **Renato Rabelo**, na introdução do programa, o ex-presidente nacional do Partido e atual presidente da Fundação Maurício Grabois, que ingressou no PCdoB em Salvador (BA), ainda estudante de medicina na UFBA (Universidade Federal da Bahia) filiado pelo já dirigente nacional da legenda, então clandestina, Haroldo Lima.

FRENTE AMPLA

Nesses 99 anos, o Partido tem atuado como "instrumento de transformação social", destacou o governador de Pernambuco**, Paulo Câmara**, do PSB.

Ao longo de todos esses anos, o "PCdoB se constituiu como uma espécie de escola, que ensinou o valor da justiça social, da democracia e de viver por um ideal", lembrou a ex-senadora e ex-ministra do Meio Ambiente, **Marina Silva (Rede).**

"Pelo passado [do Partido], pelo presente e acima de tudo pelo futuro" de lutas e parcerias, o ex-ministro nos governos Itamar e Lula e vice-presidente nacional do PDT, **Ciro Gomes**, destacou os compromissos patrióticos do PCdoB com o Brasil.

"O PCdoB é um Partido imprescindível na política brasileira, na luta pelos direitos dos trabalhadores", disse a presidente nacional do PT, deputada **Gleisi Hoffmann** (PR).

Ao comemorar seus 99 anos, o PCdoB é "imprescindível para a nossa democracia", homenageou o ex-presidente da Câmara dos Deputados, **Rodrigo Maia (DEM-RJ).** Na passagem da data, o deputado **Baleia Rossi (SP)**, presidente nacional do MDB, agradeceu o apoio da bancada comunista à sua "candidatura à presidência da Câmara dos Deputados" e lembrou a luta do PCdoB contra a ditadura e pela redemocratização do Brasil.

O ex-deputado federal pelo PSDB de Pernambuco e presidente nacional da legenda, **Bruno Araújo** cumprimentou o PCdoB nas comemorações dos 99 anos, "pela história de lutas e as contribuições que [os comunistas] deram ao País."

Além das lideranças políticas do partido, participaram do programa e homenagearam os quase 100 anos de existência do PCdoB lideranças sindicais, juvenis, femininas e da negritude.

Coube à dirigente e deputada estadual Olívia Santana, da Bahia, conduzir o programa que se estendeu por aproximadamente duas horas. Na abertura do evento virtual, o presidente do PCdoB da Bahia, Davidson Magalhães, iniciou seu pronunciamento fazendo uma emocionada homenagem a Haroldo Lima, a quem classificou como o "esteio da construção partidária".

M. V.

Após conseguir queimar o Capitão Cloroquina, Araújo pede para sair

Marcos Corrêa/PR

Chanceler de Bolsonaro brigou com todo mundo e atrapalhou as vacinas

Mesmo com toda a pressão contra, Bolsonaro garantia que o chanceler é "uma boa pessoa", "bem intencionado"

O ministro das Relações Exteriores, Ernesto Araújo, anunciou que pediu demissão ainda nesta segunda-feira (29).

Ele deixa o cargo depois de ter fracassado nas relações com outros países para agilizar a aquisição de vacinas e insumos, além de ter indisposto o país contra o maior parceiro econômico do Brasil, a China.

O comunicado de que vai deixar o Ministério foi passado por Ernesto Araújo para seus subordinados, na segunda-feira (29). A informação é do jornal O Globo. O governo ainda não confirmou a demissão de Ernesto Araújo.

Mesmo com a pressão, Bolsonaro insistia em dizer que Ernesto Araújo era um bom ministro. Para ele, Araújo é uma "boa pessoa", "bem intencionado" e "leal ao governo". Discípulo do astrólogo Olavo de Carvalho, ele era prestigiado pelo presidente.

As idéias esdrúxulas de Ernesto Araújo eram inspiradas por Bolsonaro, entre as quais a repulsa às vacinas, à ONU (Organização das Nações Unidas), à OMS (Organização Mundial da Saúde), a defesa da cloroquina, a hostilidade à China, a subserviência a Donald Trump, ex-presidente dos EUA, o negacionismo, etc.

Até mesmo aliados de Jair Bolsonaro, como os presidentes do Senado e da Câmara, Rodrigo Pacheco (DEM-MG) e Arthur Lira (PP-AL), já estavam pedindo a demissão de Ernesto Araújo. Parlamentares, governadores e prefeitos ecoaram nos últimos dias suas vozes pela demissão de Ernesto Araújo, cuja permanência no cargo ficou insustentável.

Rodrigo Pacheco disse que "a política externa do Brasil ainda está falha, precisa ser corrigida, é preciso melhorar a relação com os demais países, inclusive com a China, porque é o maior parceiro comercial do Brasil".

As relações com a China foram estremecidas depois de diversas provocações de Ernesto Araújo e outros ministros do governo Bolsonaro, como Abraham Weintraub, ex-ministro da Educação, contra o país.

Some-se ainda o filho de Bolsonaro, Eduardo, que hostilizou a China repetidas vezes, em suas redes sociais.

Em abril de 2020, um mês depois do coronavírus chegar ao Brasil, Ernesto Araújo chamou-o de "comunavírus" e disse que sua propagação era parte de um "projeto globalista" da China, que, em sua visão, quer dominar o mundo.

À frente do Ministério, Araújo conseguiu, com seus ataques constantes, atrapalhar a importação de insumos para a vacina da China e da Índia.

No sábado (27), mais de 300 diplomatas divulgaram uma carta pedindo a saída do chanceler, afirmando que sua permanência poderia causar "graves prejuízos para as relações internacionais e a imagem do Brasil".

"A crise da Covid-19 tem revelado que equívocos na política externa trazem prejuízos concretos à população", afirmaram.

No domingo (28), Ernesto Araújo publicou em seu Twitter uma conversa que teve com a senadora Kátia Abreu (PP-TO), presidente da Comissão de Relações Exteriores, sobre a tecnologia 5G no Brasil. Segundo Araújo, Kátia Abreu falou que ele seria "o rei do Senado" se trouxesse a tecnologia.

O episódio causou mais uma onda de revolta entre os parlamentares, que voltaram a pressionar por sua saída. Agora, quando anuncia sua demissão, os congressistas comemoraram.

Marcelo Freixo (PSol-RJ), líder da minoria na Câmara, disse que Ernesto Araújo "vai tarde, muito tarde. O próximo passo é responder na Justiça por boicotar a vacinação ao gerar conflitos com a China, nosso principal fornecedor de insumos".

O deputado federal Orlando Silva (PCdoB-SP) ironizou e disse que Ernesto Araújo "caiu da terra plana".

O youtuber Felipe Neto acredita que Araújo foi "o pior chanceler que o Brasil já teve. O desastre que ele causou na imagem internacional do país levará um bom tempo para consertar".

16 governadores denunciam ataques, mentiras e cobram ações contra milícias de Bolsonaro

"Estimular motins policiais, divulgar Fake News, agredir Governadores e adversários políticos, são procedimentos repugnantes", dizem em carta

Governadores de 16 Estados divulgaram uma carta em que denunciam mentiras (fake news) e ataques contra os governos estaduais e cobram medidas para "coibir tais atos ilegais e imorais".

O texto destaca a luta dos governadores para atender a população neste período de emergência na saúde durante a pandemia.

"Enquanto isso, alguns agentes políticos espalham mentiras sobre dinheiro jamais repassado aos estados, fomentam tentativas de cassação de mandatos, tentam manipular policiais contra a ordem democrática, entre outros atos absurdos", denunciam os governadores na carta.

"Os governadores manifestam sua indignação em face da crescente onda de agressões e difusão de Fake News que visam a criar instabilidade institucional nos Estados e no País. Vivemos um período de emergência na saúde, e a vida de todos os brasileiros está em grave risco", dizem, lembrando que precisam "de paz para prosseguir com o seu trabalho, salvando vidas e empregos".

Assinam a carta governadores do PSDB, DEM, MDB, PSB, PT, PSD, PDT, PCdoB, Cidadania e PP.

A íntegra da carta

CARTA DOS GOVERNADORES: QUEREMOS VERDADE E PAZ!

Os governadores manifestam sua indignação em face da crescente onda de agressões e difusão de Fake News que visam a criar instabilidade institucional nos Estados e no País. Vivemos um período de emergência na saúde, e a vida de todos os brasileiros está em grave risco.

Os governadores, juntamente com os servidores públicos e profissionais do setor privado, estão lutando muito para garantir atendimento de saúde e apoio social à população. Enquanto isso, alguns agentes políticos espalham mentiras sobre dinheiro jamais repassado aos estados, fomentam tentativas de cassação de mandatos, tentam manipular policiais contra a ordem democrática, entre outros atos absurdos.

Registramos especialmente o nosso protesto quando são autoridades federais, inclusive do Congresso Nacional, que violam os princípios da lealdade federativa.

Conclamamos o Presidente da República, os Presidentes da Câmara dos Deputados e do Senado Federal, bem como o Presidente do Supremo Tribunal Federal, para que adotem todas as providências de modo a coibir tais atos ilegais e imorais.

Os Estados e todos os agentes públicos precisam de paz para prosseguir com o seu trabalho, salvando vidas e empregos. Estimular motins policiais, divulgar Fake News, agredir Governadores e adversários políticos, são procedimentos repugnantes, que não podem prosperar em um país livre e democrático.

Finalmente, sublinhamos a nossa gratidão a todos os servidores públicos e profissionais que têm atuado incessantemente para vencermos a pandemia. Merecem especial destaque as forças policiais, que têm a nossa solidariedade e apoio em relação a reivindicações justas quanto à vacinação, pleito em análise no âmbito do Ministério da Saúde pela Comissão Intergestores Tripartite – CIT.

Brasília, 29 de março de 2021.

Assinam esta carta:

RUI COSTA Governador do Estado da Bahia

FLÁVIO DINO Governador do Estado do Maranhão

HELDER BARBALHO Governador do Estado do Pará

PAULO CÂMARA Governador do Estado de Pernambuco

JOÃO DORIA Governador do Estado de São Paulo

RONALDO CAIADO Governador do Estado de Goiás

MAURO MENDES Governador do Estado de Mato Grosso

EDUARDO LEITE Governador do Estado do Rio Grande do Sul

CAMILO SANTANA Governador do Estado do Ceará

JOÃO AZEVÊDO Governador do Estado da Paraíba

RENATO CASAGRANDE Governador do Estado do Espírito Santo

WELLINGTON DIAS Governador do Estado do Piauí

FÁTIMA BEZERRA Governadora do Estado do Rio Grande do Norte

BELIVALDO CHAGAS Governador do Estado de Sergipe

REINALDO AZAMBUJA Governador do Estado de Mato Grosso do Sul

WALDEZ GOÊS Governador do Estado do Amapá

"CPI se tornou urgente após fatos gravíssimos relatados por Pazuello", afirmou Flávio Dino

"Ele fala em corrupção, lobby, pressão, pareceres falsos. Se havia dúvida, juridicamente falando, agora não tem mais. Temos responsabilidade a apurar", acrescentou o governador, em entrevista ao Valor Econômico

O governador do Maranhão, Flávio Dino (PCdoB), defendeu na quinta-feira (25), em entrevista à Maria Cristina Fernandes, colunista do Valor Econômico, que o Congresso deve abrir uma CPI para investigar a atuação do governo federal na pandemia. "A CPI deve ser instalada. Uma vez que tem número de assinaturas necessárias. Não se trata de uma escolha do presidente do Senado. Ele é obrigado a instalar", disse o governador.

"Ela [a CPI] se fortaleceu extremamente com as declarações do ex-ministro Pazuello, que revelou fatos gravíssimos. Ele fala em corrupção, lobby, pressão, pareceres falsos. Se havia dúvida, juridicamente falando, agora não tem mais. Temos responsabilidade a apurar. É falsa a ideia de que isso atrapalha. O que atrapalha é colocar embaixo do tapete fatos gravíssimos que acontecem todos os dias", acrescentou.

Sobre a fala do presidente da Câmara, deputado Arthur Lira, com críticas ao governo Bolsonaro, Flávio Dino disse que "o mandato presidencial entrou em sinal amarelo. É o presidente da Câmara quem tem legitimidade constitucional para admitir os pedidos de impeachment que lá tramitam, quase todos lastreados na clareza do Artigo 85 da Constituição e na Lei 1079 de 1950".

"Bolsonaro é uma espécie de "serial killer" no cometimento de crimes de responsabilidade. É, praticamente, um por dia. Essa declaração vai na direção de conferir uma maior plausibilidade política aquilo que, juridicamente, é inequívoco. E espero que isso funcione como um mecanismo de contenção. É preciso colocá-lo numa camisa de força institucional", defendeu.

Sobre as possíveis resistências ao impeachment de Bolsonaro por conta de um governo com o vice, Hamilton Mourão, Flávio Dino disse que, com o vice, a situação seria menos desastrosa. "Não tenho nenhuma dúvida de que o vice-presidente teria melhores condições de liderar o país neste momento. Não que eu concorde com seu ideário, sua visão política, mas ele teria a capacidade de dialogar em termos razoáveis", argumentou.

"Sou testemunha disso. Justamente porque tem a capacidade de ouvir, elaborar, refletir e muito mais capacidade cognitiva e devoção ao trabalho. Ele teria pelo menos uma agenda de trabalho, de reuniões, para ouvir as pessoas. Seria uma mudança profunda. Jamais votaria no vice para ser presidente, mas comparando com Bolsonaro seria quase a distinção entre civilização e barbárie", acrescentou.

Flávio Dino considerou positiva a criação de um comitê gestor das ações contra a pandemia. "Foi um passo importante na medida em que aparentemente haverá um maior protagonismo dos presidentes do Senado e da Câmara, que podem atuar na moderação das políticas equivocadas lideradas por Bolsonaro", disse. "Bolsonaro não acredita no combate à pandemia. O que pode funcionar é essa articulação com presidente do Senado, Câmara, Supremo. Tudo o que aconteceu de positivo foi ou pela ação dos governadores, ou por determinações do Supremo ou por leis votadas no Congresso. Então este é o caminho que permitiu alguma espécie de redução de danos", prosseguiu Dino.

Texto completo em www.horadopovo.com.br

Bolsonaro respalda nazi-racista: "é um gesto bacana, mas pega mal para mim"

Começou a circular nesta sexta-feira (26) na internet um vídeo em que Jair Bolsonaro aparece cercado por alguns seguranças, quando um dos seus seguidores, ao aproximar-se para tirar fotos, fez o mesmo gesto nazi-racista com que Felipe Martins, assessor especial da Presidência, afrontou o Senado da República na quarta-feira (24).

Alguém diz "é um ativista do bem" sobre a pose do bolsonarista. Ao ver o gesto, no momento da foto, Bolsonaro diz: "eu sei que é um gesto bacana, mas pega mal para mim".

Bolsonaro, tentando evitar que sua admiração pelo gesto nazi-racista venha a público, tenta se esquivar e manda apagar a foto, pois "pega mal".

O símbolo surgiu nos EUA após abril de 2017, quando indivíduos ligados à extrema-direita americana começaram a usar deliberadamente o gesto, principalmente ao posar para fotos que seriam publicadas em redes sociais.

Os milicianos de Bolsonaro, grudados em tudo o que a tropa trumpista e outros debiloides fascistas americanos fazem por lá, começaram a imitá-los por aqui também. O sujeito na porta do Palácio achou que estava abafando com seu gesto racista.

Onyx vai receber o Nobel de Medicina: descobriu que pulga transmite Covid-19

O ministro da Secretaria-Geral da Presidência da República, Onyx Lorenzoni (DEM), afirmou, na quinta-feira (25/3), que os governadores e prefeitos "são todo uns tolos". "Eu considero todos muito tolos. Não são inteligentes. Muitos ainda insistem numa ferramenta chamada lockdown que já está provada por várias experiências no mundo que é ineficiente", disse ele. A declaração foi dada em uma entrevista para a Jovem Pan.

Em seguida, ele detalhou porque ele considera que os governadores e prefeitos são tolos: "Alguém consegue impedir que nas áreas urbanas o passarinho, o cão de rua, o gato, o rato, a pulga, a formiga, o inseto, eles se locomovam? Alguém consegue fazer o lockdown dos insetos? É óbvio que não. E todos eles transportam o vírus, não são contaminados, mas podem transportar o vírus. Podem, é uma possibilidade", concluiu.

O ministro de Bolsonaro não tem a menor ideia da tolice que está dizendo. O contágio pelo passarinho, o cão de rua, o gato, o rato, a pulga, a formiga, o inseto, como disse, não existe. Quem diz isso é a própria Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), órgão do governo a que pertence o sapientíssimo serviçal do Planalto.

No site do órgão, que ele não leu, está claro. "Os insetos que entram em casa podem funcionar como vetores para a COVID-19?". "Até o momento não foi documentada a transmissão do novo coronavírus por moscas ou outros insetos", responde a Fiocruz.

Em relação aos animais domésticos, a Fiocruz afirma: Embora não existam estudos aprofundados sobre o tema até o momento, o risco de animais domésticos contraírem ou transmitirem o novo coronavírus é praticamente inexistente. Em todo o mundo, há menos de 25 relatos de cães e gatos que contraíram o Sars-CoV-2 e nenhum relato oficial de animais que tenham transmitido para seus donos ou tutores. Além disso, não há relatos de casos positivos de Covid-19 em animais no Brasil.

"ButanVac é um marco na retomada da produção nacional de vacinas"

Quase todas as vacinas que foram usadas no passado, até 1964, eram vacinas desenvolvidas dentro do país. O Butantan, ao retomar esse processo, está de parabéns", assinala o professor Eduardo Costa

O médico sanitarista **Eduardo Costa**, professor da Escola Nacional de Saúde Pública, da Fundação Osvaldo Cruz (Fiocruz), ex-secretário de estado da Saúde do Rio de Janeiro, no governo Leonel Brizola, e ex-diretor da Farmanguinhos, comentou neste sábado (27), em entrevista ao HP, o anúncio, feito pelo Instituto Butantan, de São Paulo, do desenvolvimento e a produção no Brasil de uma nova vacina contra a Covid-19, a ButanVac, com tecnologia desenvolvida pelo instituto, em associação com outros órgãos.

"O anúncio desse desenvolvimento, de uma vacina do Butantan, tem algumas características especiais, é muito interessante, mas, de qualquer modo, ainda falta saber mais detalhes sobre essa tecnologia, porque vivemos em tempos de sobrevalorização do marqueting e de corrida midiática", disse o professor.

"O que nós estamos vendo é que esta iniciativa usa uma tecnologia de multiplicação do antígeno em ovos, o que várias vacinas usam, como a da gripe. Com isso há a capacidade de produzir uma quantidade grande, ou de vírus inativado mesmo ou do vetor viral modificado. Há alguns detalhes que eu ainda não peguei, no que foi divulgado na imprensa", prosseguiu Costa.

O professor da Fiocruz considera que "isso significa bastante coisa para a Saúde Pública brasileira". Eduardo Costa lembra que "quase todas as vacinas que foram usadas no passado, até 1964, eram vacinas desenvolvidas dentro do país". "E isso incluiu até mesmo uma delas na qual tivemos uma grande colaboração de americanos, com o antígeno (seed) sendo originário da Austrália mas desenvolvida aqui no Brasil na década de 30, no então Instituto Oswaldo Cruz, que foi a vacina para a febre amarela", destacou.

Eduardo acrescentou que foi o Instituto Osvaldo Cruz, lembrando que foi o precursor da Fiocruz que produziu muitas outras vacinas. "Ele desenvolveu, lá naquele tempo passado, também vacinas para uso veterinário, como para a manqueira (doença bovina causada pela bactéria Clostridium Chauvoei). Antes, já produzíamos a vacina anti-variólica, por exemplo.", explicou.

"Mais recentemente", prosseguiu Eduardo Costa, "começou uma moda de importar tecnologia de grandes empresas multinacionais, substituindo as que nós tínhamos e não colocando, na verdade, um produto novo, ainda que possa ter ganhos de economicidade ou reatogenicidade, ao absorverem inovações incrementais". "Por isso nós vemos com destaque essa questão do Butantan desenvolver a produção da vacina a partir da semente, quer dizer, aparentemente, desde o início", assinalou.

"Pelo que foi depois divulgado, essa semente foi desenvolvida nos laboratórios do Mount Sinai dos Estados Unidos, que cedeu gratuitamente e sem royalties, mas não apenas para o Butantan. Isto já aconteceu antes e é um avanço tecnológico e na política mundial de avançar em equidade no acesso a vacinas. Na gestão do Jorge Kalil , o Instituto adquiriu os antígenos para a vacina da Dengue do NIH e desenvolveu a mesma, tendo patenteado o processo e desenvolvido estudos clínicos (fase III ainda não concluída). No caso presente o vetor viral modificado é o vírus Newcastle, de gripe aviária.

E segue: "No noticiário houve algumas chacotas sobre o fato de que a ButanVac vai usar uma semente de fora do país, o que não diminui o avanço e mostra méritos como uma prospecção adequada de oportunidades. Todavia todos gostaríamos de ver que o próprio antígeno fosse desenvolvido e testado nas suas fases iniciais nas universidades brasileiras, que têm capacidade científica e tecnológica para tanto. A pesquisa nas universidades cresceu muito. Tem muita gente atuando. Mas nós temos um problema."

Costa acrescentou que há uma observação importante a fazer: " ainda falta uma ligação orgânica da bancada dos laboratórios com a indústria; a pesquisa nas universidades cresceu muito. Tem muita gente atuando. Mas nós temos um problema. Precisamos de um projeto de desenvolvimento nacional. Sem indústria nacional, ela (a ciência) não inova. Quem vai aprovar e quem vai utilizar, no fundo, o que os nossos cientistas são capazes de desenvolver, etc, vão ser outros países, porque isso aqui é uma cadeia no mundo, especialmente entre universidades, onde circula o conhecimento, as tecnologias e os equipamentos", disse ele.

Para Costa, a capacidade de produção é uma questão chave. "Se não houver a direção industrial no processo, nós não conseguimos inovar. Os projetos ficam nas bancadas", assinalou

Ele associou esse novo tipo de processo de desenvolvimento, das pequenas startups, à onda neoliberal. "Um modelinho assim onde todos os cientistas acham que vão se dar bem um dia. Não, todos os cientistas vão ter que passar para uma multinacional, ou uma empresa fora, o que eles fazem", apontou. Ele ressaltou que o processo de desindustrialização do país, agravado nos últimos vinte anos, piorou ainda mais a situação e as perspectivas para as startups locais. "Elas não terão capacidade de investimento para criar uma indústria, apesar de poderem desenvolver até um novo produto", denunciou Costa.

"Não dá para ter inovação tecnológica no Brasil sem ter uma indústria nacional forte. E nós estamos neste momento numa demonstração cabal disso. O Instituto Butantan usou, inclusive, de uma maneira correta, a absorção de tecnologias de um modo soberano e ousou também avançar no sentido de produzir a sua própria vacina, com as suas próprias características, que eles acham que podem ser mais vantajosas para o Brasil. E isso é que nós temos que saudar", afirmou Eduardo Costa.

"Do ponto de vista científico, hoje há muita cooperação no mundo, nós podemos, teoricamente, desenvolver qualquer produto. Na verdade, no entanto, especialmente nessa área biotecnológica que é fundamental num país como o nosso, com uma população de 200 milhões de habitantes, teríamos condições de produzir o que nós precisarmos para poder atender a um SUS novo, renovado, que sem descuidar da atenção à saúde da população, se mantenha ligado no que é a necessidade estratégica do país", prosseguiu.

"Podemos consolidar uma área de desenvolvimento industrial para apoiar as atividades de saúde. E não só nas de vacinas, são vários fármacos diferentes que temos aí, especialmente os mais caros hoje, que são quase sempre de origem biológica, com genética aplicada a esse desenvolvimento", apontou Costa.

O Instituto Butantan usou, inclusive, de uma maneira correta, a absorção de tecnologias de um modo soberano e ousou também avançar no sentido de produzir a sua própria vacina, com as suas próprias características, desenvolvendo eles menos uma plataforma para vacinas bem modernas, como a de vetor viral, sem pagar por isso e do modo que for mais adequado e vantajoso para o Brasil. E isso é que nós temos que saudar", afirmou Eduardo Costa.

Eduardo Costa resgatou a importância do Butantan para a ciência brasileira. "O Instituto Butantan é um acervo nacional da melhor qualidade. Ele foi fundado por um homem que se chamava Vital Brazil. Ele deu uma partida muito cedo, há mais de cem anos no desenvolvimento de soros e outros produtos biológicos. A tradição nacionalista do Instituto Butantan, nos anos recentes foi muito alimentada por um outro grande brasileiro, que foi seu diretor por muitos anos, que era Isaias Raw", lembrou.

O professor conta que "Isaias era combatente mesmo e, inclusive, fazia disso um instrumento de crítica, que muitas vezes outras instituições do país da mesma área não gostavam, mas era tudo pensado a partir da questão do desenvolvimento brasileiro. Essa tradição aparentemente não morreu no Butantan".

"É o que nós estamos vendo agora, todas as instituições nacionais tiveram subidas e descidas na sua história, nas conjunturas políticas econômicas, mas o Butantan tem estado aí preocupado com as coisas do Brasil, desde acidentes com animais peçonhentos, tem ess tradição. Apoiou, inclusive, a interiorização do Brasil, porque era fundamental, no início da República", observou.

"E depois, especialmente, com os avanços que se obteve a partir de 30, com a marcha para o oeste, que deram condições para que o Brasil progredisse e ocupasse seu território de uma maneira produtiva. Então, é bela a história do Butantan e de outras instituições brasileiras. Mas, como eu queria reforçar, há um destaque do Butantan que é a defesa do desenvolvimento brasileiro autonomo", acrescentou o sanitarista.

"Hoje a associação do Butantan com a Sinovac, nós podemos chamar de uma associação virtuosa. Há poucos dias nós estávamos avançando não só na produção dessa vacina, a CoronaVac, que não foi desenvolvida em pesquisa original no Brasil, mas foi usada corretamente, inclusive porque vai também se apropriar dos modos dessa tecnologia para a produção", disse o professor.

"Existe uma tecnologia de desenvolvimento de um germe para ser capaz de produzir o produto que queremos, e, depois, na quantidade que queremos. Aí já é um processo industrial. Uma parte é laboratorial e outra parte é industrial. Isso é muito importante porque o Butantan claramente fez um acordo soberano com a China e isso está sendo demonstrado", disse Costa.

"Tem que ver mais do que o simples fato, não é ufanismo, o Brasil é capaz, não. É uma estratégia política correta em que a China não é um país que tem o interesse de abafar o desenvolvimento brasileiro. Por isso, a Sinovac não fez restrições a que no Butantan não se pudesse desenvolver outros produtos".

"Eu digo que essa associação é virtuosa porque ela permitiu que o Instituto coordenasse o estudo de fase 3, não precisou que empresas estrangeiras viessem aqui para isso. O Butantan está fazendo agora um estudo em Serrana que é exemplar para poder ver, numa fase 4, como é que funciona a vacina. Lá na China essa associação virtuosa, como eu estou chamando, nos dá notícia agora que a Sinovac já está testando em alguns milhares de crianças de 3 anos a 18 anos a vacina para poder mostrar e sem maiores problemas, que essa vacina é segura porque nós sabemos que vacina de vírus inativado como essa, são frequentemente dadas em todas as outras doenças, em crianças também e elas têm capacidade de responder", apontou.

"Eu quero valorizar o uso de uma transferência tecnológica feita de maneira soberana. Isso é essencial. Se não entendermos os termos dessa negociação, não vamos entender porque, por exemplo, não foi boa a que fez a Fiocruz coma Astrazeneca. Por que? Porque foi fazer com a 'big farma', que asfixia e faz condições contratuais completamente diferentes", segundo Eduardo Costa, que concluí," a minha ansiedade conhecendo o Brasil de hoje é que esse porto novo nos Estados Unidos não esteja sendo levado pelos que querem fechar a porta para a cooperação com a China.

SÉRGIO CRUZ

Eduardo Costa é professor da Escola Nacional de Saúde Pública, da Fundação Osvaldo Cruz - Fiocruz

Morre policial que disparou com fuzil contra equipe do Bope durante surto em Salvador

Policiais militares baianos revidaram um ataque do soldado Weslei Soares que, em um surto, disparou tiros de fuzil na noite do domingo (28) no Farol da Barra, em Salvador. De acordo com a Secretaria de Segurança Pública da Bahia (SSP-BA), o policial que realizou o ataque apresentava descontrole emocional quando começou a efetuar disparos.

Equipes do Batalhão de Operações Policiais Especiais (Bope) tentaram negociar com o policial por 3 horas e meia, mas o homem acabou atingido por tiros depois de disparar cerca de dez tiros com fuzil contra os policiais.

Segundo o major Cledson Conceição, comandante do grupamento do Bope que atuava na operação, os disparos foram uma reação à ação do PM que atirou contra os colegas de farda.

"Infelizmente, a atuação da tropa não foi uma situação confortável. Aqueles foram disparos de reação, e quando ocorrerem as investigações, isso vai ser entendido de uma melhor forma", explicou o comandante, durante entrevista coletiva nesta segunda-feira (29).

Um vídeo da TV Aratu mostra o momento em que Weslei Soares atira contra os policiais do Batalhão de Operações Policiais Especiais (Bope), que se abrigam atrás de uma viatura. Em seguida, ouve-se outros disparos e os policiais vão em direção ao local onde estava o soldado.

Ainda segundo ele, os policiais também usaram armamentos não-letais durante a ação, como balas de borracha e granadas de efeito moral, mas não foi o suficiente para conter a ação do policial. "A nossa equipe está sempre procurando utilizar os recursos disponíveis em nível de força, sempre elevando o nível de força a depender da resposta que a tropa seja recebida. No primeiro momento, quando ele iniciou os primeiros disparos, a nossa célula utilizou munição de elastômero e granadas", detalhou.

Ele explicou ainda que a negociação que começou durante a tarde e durou até a noite foi baseada na tentativa de "trazer o policial à realidade". "A nossa linha de reação era tentar trazer ele para a realidade. O nosso negociador estava trabalhando nessa linha, mas em nenhum momento houve esse retorno. Nesse tipo de situação de força inepta, sempre há a possibilidade de outros desdobramentos acontecerem e infelizmente o resultado foi aquele", finalizou.

A Polícia Militar ainda não sabe o que motivou o "surto psicótico" do PM, que bloqueou por quatro horas a frente do Farol da Barra.

Negociação com policial em surto durou mais de 3 horas

Na contramão da urgência, Anvisa suspende aprovação da Sputnik V

Na contramão da urgência vivida pelo país, onde mais de três mil pessoas estão morrendo por dia de Covid-19, a direção da Anvisa (Agência Nacional de Vigilância Sanitária) decidiu suspender a contagem do prazo de sete dias, determinado por lei, para autorizar o uso emergencial da vacina russa Sputnik V, que já está sendo aplicada em mais de 40 países.

Em nota, a Anvisa informou que os prazos foram suspensos porque não foram entregues "documentos considerados importantes para a análise". Antes do novo pedido, a agência havia informado que precisava ter acesso aos dados brutos dos testes da vacina. A vacina já está sendo usada em países como México, Bolívia, Hungria, Argélia, Argentina e outros, sem que nenhum evento grave tenha sido registrado.

O pedido para o uso emergencial da Sputnik V foi feito duas vezes pela empresa brasileira União Química, parceira nacional do conceituado Instituto Gamaleya, da Rússia. A empresa brasileira garantiu a entrega imediata de 10 milhões de doses da vacina russa e garante que pode produzir mais 8 milhões de doses por mês. Os governadores de 20 Estados, diante das sabotagens de Bolsonaro às vacinas, fizeram uma compra conjunta de 37 milhões de doses da Sputnik V e aguardam apenas a aprovação da Anvisa. Até o Ministério da Saúde anunciou a compra de 10 milhões de doses da vacina russa.

O presidente da União Química, Fernando de Castro Marques, disse que não será necessário importar o princípio ativo da vacina para fabricação própria (o chamado IFA). Segundo o executivo, o reagente poderá ser fabricado na unidade da empresa em Brasília, para depois ser envasado na fábrica em Guarulhos.

Édinho Silva fez lockdown que reduziu a mortes por Covid-19

Prefeito de Araraquara é ameaçado de morte por teleguiados de Bolsonaro

Milicianos bolsonaristas ameaçaram assassinar o prefeito de Araraquara (SP), Edinho Silva (PT), em mensagens nas redes sociais na tarde deste sábado (27).

As postagens ameaçando de morte o prefeito Edinho Silva foram feitas por um perfil de casal, identificado com as iniciais "P e D", que começou perguntando se alguém sabia onde morava o prefeito. A mensagem vinha acompanhada de emojis que fazem alusão à ameaça.

Outros participantes do grupo passaram a dizer que "o prefeito está indo longe demais", que teriam de chamar "o Rambo" ou "os mercenários" e a conversa continuou abordando a localização da residência do Chefe do Executivo.

O primeiro perfil se inflamou e passou a dizer que queria "esfaquear o prefeito de baixo para cima". Um membro pediu para chamar o grupo todo para o momento do assassinato.

Um mais exaltado disse para "mandar a peixeira no bucho" e que era para "caprichar e entrar para a história".

O prefeito Edinho Silva não quis se manifestar sobre as ameaças.

Sua assessoria de imprensa afirmou que o prefeito está tranquilo, que ele não se abate com esses fatos, que trabalhou o dia todo nas ações de combate a pandemia.

Segundo a Secretaria de Comunicação, a Polícia Civil foi comunicada sobre as postagens para que providências sejam tomadas.

No último final de semana, a secretária de Saúde do município, Eliana Honain, também sofreu ameaças de um grupo que queria fechar a rua da sua casa. A Polícia Civil também foi oficiada, bem como o Ministério Público.

As ameaças ao prefeito de Araraquara fazem parte das ações negacionistas da trupe bolsonarista com o objetivo de intimidar os gestores públicos comprometidos com a defesa da saúde pública e as medidas necessárias para frear a propagação do coronavírus.

Um ato de puro desespero em razão do crescente isolamento e desgaste social de Bolsonaro frente à pandemia.

Araraquara foi uma das cidades de São Paulo mais atingidas pela pandemia, que exigiu ações enérgicas para combatê-la.

SP anuncia vacinação de policiais, bombeiros e professores em abril

O governo de São Paulo anunciou nesta quarta-feira (24) o início da vacinação para professores e policiais. Segundo o governador, João Doria (PSDB), a imunização de profissionais da segurança pública começará em 5 de abril e a dos profissionais de educação a partir do dia 12 de abril.

A imunização para idosos de 69, 70 e 71 anos também foi antecipada em um dia e começa já na próxima sexta-feira (26).

A primeira etapa de vacinação de profissionais da educação vai abranger todos os professores, da rede pública e privada, a partir dos 47 anos. Esta primeira etapa abrangerá 350 mil professores, diretores de escolas, inspetores de alunos e outros profissionais que trabalham nas escolas das redes municipal, estadual e privada do Estado de São Paulo, o que corresponde a 40% dos profissionais apenas na rede estadual.

Para os profissionais da educação privada, o Estado irá exigir contracheques dos últimos 12 meses que comprovem o exercício da função, com o objetivo de evitar fraudes na aplicação das doses. Aqueles que forem terceirizados, como merendeiras, faxineiros etc., terão que preencher um cadastro prévio que será validado pelo diretor da instituição. O governo ainda vai avaliar a vacinação dos professores para incluir outras idades no Plano Estadual de Imunização aos poucos.

Durante a coletiva, o secretário estadual de Educação, Rossieli Soares, apresentou mais um exemplo do impacto do fechamento das escolas na vida dos estudantes.

"Cerca de 56% das crianças aprendiam a alfabetização no final do primeiro ano, antes da pandemia. Hoje, este número não chega a 21% e traz em si ainda mais desigualdade, porque aqueles que estão aprendendo não são os que mais precisam", afirmou o secretário.

SEGURANÇA

Cerca de 180 mil profissionais de segurança pública também serão imunizados, entre agentes ativos da Polícia Militar, Civil, Científica e da escolta penitenciária, além dos efetivos de todas as guardas civis e metropolitanas. "Esses profissionais são essenciais e estão expostos diariamente na rua, cumprindo seu dever e obrigação de proteger a população, mas também os que estão nos serviços essenciais e na linha de frente, os profissionais da saúde", declarou o governador.

A vacinação dos profissionais da educação era uma demanda da categoria para a volta às aulas. O prefeito da capital paulista, Bruno Covas, chegou a encaminhar ofício ao Ministério da Educação pedindo que os profissionais da educação fossem colocados na fase 1 do calendário nacional de vacinação contra a Covid-19.

São Paulo é o primeiro Estado a anunciar a vacinação de professores, iniciativa que foi adotada por alguns países, como o Chile e a Argentina. Outros três países também colocaram os professores como prioritários na vacina: Reino Unido, França e Uruguai.

Reprodução

Em audiência pública, entidades defendem volta do passe gratuito para idosos no transporte em SP

A Comissão Parlamentar de Educação, Cultura e Esportes em conjunto com a Comissão de Trânsito, Transporte e Atividade Econômica da Câmara de Vereadores de São Paulo realizou, na quinta-feira (25), audiência pública que reuniu parlamentares e entidades da sociedade civil para discutir o corte da gratuidade no transporte municipal e estadual para idosos de 60 a 64 anos, instituído em dezembro de 2020.

O corte do benefício tem provocado revolta em diversos setores da sociedade. A decisão de suspender começou a valer em 1º de fevereiro deste ano no Metrô, CPTM e ônibus da SPTrans e da EMTU.

A audiência pública foi presidida pelo vereador Eliseu Gabriel (PSB) que enfatizou a importância do benefício para os idosos de baixa renda, especialmente nesse momento de pandemia que tem reduzido a renda das famílias brasileiras.

Para o presidente da Comissão de Trânsito e Transporte, vereador Senival Moura (PT), a economia que a Prefeitura pretende com o corte não tem tanta relevância no orçamento da cidade. "Economicamente não significa muito para a cidade, mas para a outra ponta, para quem utiliza o benefício, significa muito", defendeu Senival.

"O que apresentamos é a reivindicação para que a lei que retirou o benefício seja revogada. Estamos convictos que é possível revogar essa lei para que o benefício seja retomado. Hoje os idosos são os que mais precisam de atenção, precisam do benefício para ir ao trabalho, para ir a uma consulta médica. Que os vereadores possam se unir para que os direitos dos idosos sejam retomados, para se fazer justiça", disse a ex-vereadora e membro do Movimento 60 Mais, Lídia Correia.

Marli Feitosa, presidente do Grande Conselho do Idoso de São Paulo, afirmou que a maioria dos idosos entre os 60 e 64 anos continuam trabalhando em empregos informais e que estes não pagam o transporte, sendo muitos o principal provedor de suas famílias no atual contexto de pandemia e desemprego em massa.

"Se o idoso ganha em média, nesses empregos, um salário-mínimo [R$1.100] e tem que gastar de R$ 300 a R$ 400 por mês com o transporte, o que sobrará para sua família num momento como esse?", questionou Marli.

Rafael Kalebe do Instituto Brasileiro de Defesa do Consumidor (Idec) explicou que o efeito que a Prefeitura espera no aumento do número de passageiros tende a não ocorrer, provocando o efeito contrário ao perder passageiros que não conseguirão custear o valor da tarifa de transporte.

"A perda de passageiros é o mais provável e não terá a arrecadação que a Prefeitura e a SPtrans esperam, pois com o aumento da tarifa as pessoas são desestimuladas a utilizar o transporte público", disse Kalebe.

Carolina Guimarães, integrante da Rede Nossa São Paulo (RNSP) afirmou que embora a tarifa não tenha um impacto significativo para alguns, contudo para as pessoas em maior estado de vulnerabilidade social é o que decisivo para sea ter acesso a outros direitos como a saúde e que são os idosos dos distritos mais carentes que precisam da gratuidade.

"A expectativa de vida média é mais baixa nos distritos mais vulneráveis onde muitos de seus moradores sequer chegam aos 60 anos, portanto, que já não chegaram a utilizar do benefício. Tão pouco se este for apenas para as pessoas a partir dos 65 anos", disse Caroline.

O Dr. Willian Fernandes, da ouvidoria da Defensoria Pública de São Paulo, afirmou que a medida afeta os idosos que estão em situação de extrema vulnerabilidade social e que estes, em sua maioria, moram nas regiões mais afastadas da cidade, dependendo do transporte para acessar outros direitos fundamentais e que a medida fere tratados internacionais. "Entendemos que o direito ao transporte é um direito social, portanto não cabe retrocessos. A medida fere a camada que está em extrema situação de vulnerabilidade social", disse.

O vereador Eliseu Gabriel lembrou que diversos parlamentares apresentaram projetos para retomar a gratuidade do transporte para os idosos. "Precisamos construir uma articulação que permita tornar esses projetos num só e ganhar força para retomar a gratuidade", disse o Eliseu.

A audiência contou com a participação de diversos parlamentares que saudaram os participantes e se colocaram à disposição dos presentes para a disputa que o movimento terá pela frente. Dentre eles Sandra Santana (PSDB), Celso Giannazi (PSOL), Eduardo Suplicy (PT), Luana Alves (PSOL), Cris Monteiro (NOVO), Toninho Vespoli (PSOL), Alfredinho (PT).

Guedes só aceita renovar Proteção ao Emprego adiando Abono Salarial

Tânia RêgoAgência Brasil

Guedes quer adiar o pagamento do Abono de julho para janeiro de 2022

"Precisam parar com essa sacanagem de a toda hora ficar metendo a mão no bolso do trabalhador", afirma Adilson Araújo, da CTB

Depois de suspender por quatro meses em plena expansão catastrófica da pandemia, Guedes impôs o adiamento, de julho deste ano para janeiro de 2022, do início do pagamento do Abono Salarial – um salário mínimo que todo trabalhador que ganha até dois mínimos tem direito, condicionando a renovação do Benefício Emergencial de Preservação de Emprego e Renda (BEm) à postergação daquele benefício.

A reunião de emergência do CODEFAT, fundo gestor do Fundo de Amparo ao Trabalhador, responsável pelo Seguro Desemprego e pelo Abono Salarial, foi realizada na noite de terça-feira. Trabalhadores e empresários aprovaram o adiamento em defesa da preservação dos empregos e salários, com a anuência do Palácio do Planalto que "acenou" com a ampliação para quatro e oito anos de estabilidade prevista no programa.

A MP 936, que criou o Programa de Benefício Emergencial, em 2020, garante contrapartida proporcional de até 1800,00 para a suspensão dos contratos e redução da jornada de trabalho. A medida permitiu a concretização de 20 milhões de acordos, tirando da guilhotina o emprego de 10 milhões de trabalhadores, livrando da falência um milhão e meio de micros, pequenas e médias empresas, e garantindo a estabilidade por igual período depois do término do acordo. Custo R$ 32 bilhões. Os números foram apresentados pelo Ministério da Economia.

Adilson Araújo, presidente da CTB, em declaração ao HP, considerou que "em 2020, fruto da pressão das Centrais, alcançamos um diálogo com o Congresso, que polarizou com o Palácio do Planalto a necessidade de garantir um auxílio emergencial diferente do que queria o Guedes. Conseguimos quebrar o ranço do governo que não queria dar nada, assim como também conquistamos o estado de calamidade e o orçamento de guerra", afirmou.

A proposta de Bolsonaro, em 2020, rejeitada pelo Congresso, não tinha contrapartida do Tesouro. Na prática, é o que Guedes tenta repetir agora, primeiro, propondo que a contrapartida fosse paga pelos recursos destinados ao Seguro-desemprego. Depois, adiando de julho para janeiro o pagamento do Abono Salarial, jogando nas costas do trabalhador a redução de seu próprio salário. Segundo, "são as maldades geradas no laboratório do ódio".

EMPRESÁRIOS

Empresários do Instituto Para o Desenvolvimento do Varejo (IDV), que estiveram reunidos em São Paulo com os presidentes da Câmara Federal, Arthur Lira, e do Senado Federal, Rodrigo Pacheco, apoiaram a reedição do programa de emprego e renda.

Em nota, o presidente do IDV, Marcelo Silva, declarou que a MP precisa ser editada logo para evitar demissões. Flávio Rocha, dono da Riachuelo, declarou a O GLOBO que é preciso que o governo reedite a MP 936 e os sindicatos de trabalhadores homologuem logo, sob o risco de termos "uma onda de demissões devastadora".

TRABALHADORES

Na semana passada, as Centrais Sindicais assinaram nota no mesmo sentido: "Diante do agravamento da pandemia, se faz urgente recriar o benefício aos trabalhadores com objetivo de evitar uma nova onda de demissões", argumentaram.

Segundo Adilson, "as dificuldades dessa ocasião, nos exigiram uma certa construção para garantir e salvaguardar a manutenção do BEm, o programa de proteção ao emprego. Mas nós precisamos resistir, vamos ter que radicalizar de forma consequente. Essa conta não pode ser jogada nas costas do trabalhador de forma alguma.

O dirigente considerou que "esse governo é célere em atender os banqueiros e o capital estrangeiro, mas hostil para com o povo brasileiro'. É um governo negacionista, no que resultou na tragédia de 300 mil mortos". E completou, lembrando as iniciativas de outros países de apoio aos trabalhadores: "O Congresso norte-americano aprovou 1,9 trilhão de dólares em investimento público para infraestrutura, tecnologia e a metade para auxílio desemprego e auxílio emergencial para as famílias e no mesmo sentido, vimos o Reino Unido liberar 6,5 milhões de Libras".

Sobre essas experiências, concluiu afirmando que "o Brasil deve seguir neste caminho. Precisam parar com essa sacanagem de a toda hora ficar metendo a mão no bolso do trabalhador".

CARLOS PEREIRA

Reprodução

Ato foi organizado pelo Fórim Nacional Permanente de Carreiras Típicas

Ato reúne servidores e parlamentares contra desmonte dos serviços públicos

O Fórum Nacional Permanente de Carreiras Típicas de Estado (Fonacate) realizou, nesta quarta-feira (24), em conjunto com a Comissão Parlamentar em Defesa dos Serviços Públicos (Servir Brasil), um ato em transmissão ao vivo que reuniu servidores e parlamentares em defesa dos serviços e dos servidores públicos.

O objetivo da atividade foi o de elucidar os ataques aos serviços e servidores públicos contidos na recém aprovada PEC Emergencial, assim como na proposta de reforma administrativa (PEC 32) e mobilizar o conjunto da sociedade contra o desmonte do Estado brasileiro.

Aprovada nas últimas semanas, a PEC Emergencial, agora EC 109, permite o congelamento do salário dos servidores pelos próximos 15 anos, além de proibir a realização de concursos dentro do mesmo período em troca do auxílio emergencial, contudo reduzindo seu valor, que ficou entre R$ 175 e R$ 370 com duração de apenas 4 meses.

"Não é proporcional. Em 4 meses a pandemia não vai ter passado, principalmente se continuar na mesma descoordenação no enfrentamento da crise sanitária. Estão aproveitando a nível de chantagem – afinal, quem vai ser contra pôr comida no prato dos brasileiros que precisam? Ninguém! Em troca, retiram direitos sociais num momento de estado de exceção", denunciou Rodrigo Spada, vice-presidente do Fonacate e presidente da Federação Brasileira de Associações de Fiscais de Tributos Estaduais (Febrafite).

Em referência ao vídeo da reunião ministerial que circulou no ano passado, em que o ministro da Economia, Paulo Guedes, desferiu brutal ataque aos servidores públicos, afirmando "nós já "colocamos a granada no bolso do inimigo, dois anos sem reajuste de salário", Spada afirmou que "colocaram mesmo a granada no bolso do servidor e da sociedade. A boiada está passando e pisoteando a própria democracia".

Em relação à reforma administrativa, os servidores e parlamentares ressaltaram que o projeto vem para consagrar a destruição dos serviços públicos. Se por um lado, a PEC Emergencial possibilita o congelamento dos salários e dos concursos, a "reforma" administrativa pretende mudar o regime jurídico único de contratação dos servidores, que estabelecia que a contratação deve ser por meio de concurso, além de acabar com a estabilidade do funcionalismo. Juntas são a constitucionalização da precarização dos serviços públicos como saúde, educação e segurança pública.

José Celso Cardoso, presidente da AFIPEA (Sindicato Nacional dos Servidores do Ipea), enfatizou que, ao contrário do que defende o governo federal, a "reforma" administrativa não combate nenhum problema dos serviços públicos, mas sim os agrava e cria outros.

"Não existe uma linha que sirva para melhorar a estrutura, a forma de funcionamento ou mesmo o desempenho institucional do Estado brasileiro. Ela é uma peça completamente desconectada e inapropriada para enfrentar os problemas da administração pública. Ela não só não enfrenta nenhum dos problemas como criará consequências evidentemente deletérias para prestação de serviços públicos à população e sobretudo para a população mais carente e desassistida desse país", afirmou Cardoso.

Entre os parlamentares, participaram do ato o senador Paulo Paim (PT-RS), e os deputados federais André Figueiredo (PDT-CE), Alessandro Molon (PSB-RJ), Sâmia Bonfim (PSOL-SP), Israel Batista (PV-DF), Emanuel Pinheiro Neto (PTB-MT), Tadeu Alencar (PSB-CE), Glauber Braga (PSOL-RJ), Paulo Teixeira (PT-SP), José Guimarães (PT-CE) e delegado da PF e deputado federal, Felício Lacerda (PSL-RJ).

MPF pede reativação de Fábrica de Fertilizantes no Paraná para produção de oxigênio hospitalar

Na iminência de que a falta de oxigênio para o tratamento de pacientes de Covid-19 provoque em todo o país a tragédia vista no estado do Amazonas no início do ano, o Ministério Público Federal (MPF) e o Ministério Público do Paraná (MPF) acionaram o Ministério da Saúde, a Petrobrás, o governo do Paraná e a Federação Única dos Petroleiros (Fup) solicitando que a Fábrica de Fertilizantes Nitrogenados (Fafen-PR), localizada em Araucária (PR), seja reativada.

Segundo os ministérios, apenas com pequenas modificações, a Fafen, que foi desativada pela Petrobrás no início de 2020, poderia produzir de 350 a 750 mil metros cúbicos de oxigênio hospitalar/medicinal por dia.

"A reativação da Fafen-PR e a consequente produção de oxigênio hospitalar podem evitar que várias vidas deixem de ser ceifadas por asfixia", afirma a nota conjunta do MPF e MP-PR.

A falta de oxigênio para o tratamento dos pacientes de Covid é um dos gargalos enfrentados pelos brasileiros na luta contra o vírus, diante da total omissão do governo Bolsonaro frente à gravidade da crise no país, que já se aproxima de 300 mil mortes por Covid-19.

Logo após a tragédia anunciada ocorrida em Manaus, porque o Ministério da Saúde já havia sido informado pelo governo do Amazonas sobre a falta do insumo, que fez com que centenas de pessoas morressem asfixiadas, diversas cidades em todo o país registraram falta de oxigênio para o tratamento dos pacientes, sem que o Governo Federal tomasse qualquer iniciativa para buscar alternativas para o seu fornecimento.

Na justificativa do pedido de reativação da Fafen enviado aos órgãos, os MPs alertam para o aumento da procura por cilindros de oxigênio hospitalar/medicinal, para a ocupação dos leitos de UTI "perto do limite" e o "colapso dos hospitais pela insuficiência de leitos, bem como aumento da demanda para uso dos pacientes em tratamento domiciliar".

"Com o caos hospitalar que, se já não aconteceu em todas as regiões do país, está prestes a acontecer em todo o território nacional – a procura por aluguel ou compra de cilindros de oxigênio e suas recargas aumentou significativamente nos últimos dias, e a tendência, com o crescimento dos casos ativos, é que essa demanda só aumente", afirmam o MPF e o MP-PR.

"Cloroquina deve ser banida do tratamento da Covid", afirma Associação Médica Brasileira

O medicamento hidroxicloroquina/cloroquina, o queridinho do presidente Bolsonaro no "combate" ao coronavírus, acaba de ser banido pela Associação Médica Brasileira (AMB) entre os fármacos para o tratamento da Covid-19.

Em um boletim para orientar médicos e pacientes em todo o país divulgado nesta quarta-feira (24), além de banir a cloroquina, a entidade também lista medicamentos como ivermectina, nitazoxanida, azitromicina e colchicina como sem eficácia científica comprovada de benefício no tratamento ou prevenção da covid-19.

"A utilização desses fármacos deve ser banida", afirma a AMB.

"Reafirmamos que, infelizmente, medicações como hidroxicloroquina/cloroquina, ivermectina, nitazoxanida, azitromicina e colchicina, entre outras drogas, não possuem eficácia científica comprovada de benefício no tratamento ou prevenção da COVID-19, quer seja na prevenção, na fase inicial ou nas fases avançadas dessa doença, sendo que, portanto, a utilização desses fármacos deve ser banida", afirma o boletim.

No mesmo documento a AMP também conclama pela rápida vacinação dos brasileiros como a "medida ideal" no combate ao vírus e reitera a importância do isolamento social, do uso correto de máscaras, ventilação adequada de ambientes e outras medidas para evitar a disseminação da doença.

A entidade também faz um apelo às autoridades afirmando que "são urgentes esforços políticos, diplomáticos e a utilização de normativas/leis de excepcionalidade, para solucionar a falta de medicamentos ao atendimento emergencial de pacientes hospitalares acometidos pela COVID-19, em especial de bloqueadores neuromusculares, opioides e hipnóticos – indispensáveis ao processo de intubação de doentes em fase crítica".

Rebatendo o que propagandeia Bolsonaro, com sua defesa do "tratamento precoce", a entidade faz um alerta para as pessoas não se automedicarem, e que não usem corticoides, como a dexametasona, prednisona entre outros: "estes fármacos utilizados fora do período correto, especialmente no início dos sintomas, podem piorar a evolução da doença".

O boletim, assinado por 16 membros do núcleo executivo do Comitê Extraordinário de Monitoramento Covid-19 da AMB, traz ainda "votos especiais" ao novo ministro da Saúde, Marcelo Queiroga, empossado ontem (23) pelo presidente Bolsonaro quase secretamente, e ressalta que "os brasileiros almejam que vossa gestão ecoe e se guie exclusivamente pela voz da ciência".

O documento clama ainda que o novo ministro seja "um exemplo de independência" no Ministério Saúde e na implantação de políticas e medidas consistentes e necessárias.

Netanyahu sai mais isolado das eleições israelenses e sem maioria para governar

Partidos e coligações que não aceitam participar de governo encabeçado por Netanyahu obtém 57 das 120 cadeiras do Knesset (parlamento israelense), enquanto que o bloco a favor da continuidade do atual ministro apenas 52. Qualquer dos blocos depende de negociação com partidos detentores de 11 cadeiras e ainda indefinidos

O resultado das eleições israelenses cuja contagem acaba de se realizar nesta quinta-feira (25) foi desfavorável a Netanyahu (o aliado de Bolsonaro no Oriente Médio).

A votação mostra, na verdade, uma grande rejeição a ele pois nem a bem-sucedida campanha de vacinação (Israel é o país do mundo que tem o maior percentual da população adulta vacinada e, com isso, teve a curva de mortalidade sob queda constante) foi capaz de ajudá-lo a obter uma maioria sólida.

Os israelenses, em sua maioria, perceberam a jogada de Netanyahu: essa quarta eleição resultou de uma traição ao general Benny Gantz, que o salvara no início do ano passado após a sua derrota eleitoral.

Netanyahu saiu derrotado na eleição para o mandato 2020 – 2024 e Gantz poderia afastá-lo do poder com pequena vantagem dentro do sistema parlamentar israelense. No entanto, preferiu romper com as demais forças que compunham o bloco que o apoiava, para atender ao apelo de Netanyahu que lhe sinalizou com um governo "de unidade nacional" diante do perigo da pandemia. Pelo acordo, Netanyahu governaria nos dois primeiros anos e seria sucedido por Gantz nos dois anos seguintes.

RASTEIRA DE NETANYAHU

Acontece que Netanyahu agiu como todos os que o conhecem bem alertaram a Gantz: como o escorpião que aguilhoa o seu salvador, pois a traição é da sua natureza. Assim, provocou mais uma eleição, a 4ª em dois anos, usando o mecanismo parlamentar de levar seu bloco a não aprovar o orçamento para dois anos ao final do ano passado, como estava acertado com Gantz e apoiadores. Dessa forma, rompeu a aliança com o partido de centro Azul e Branco do general, exatamente quando se aproximava o ano em que, pelo acordo entre os dois líderes, Netanyahu deveria entregar o poder a Gantz.

A tática não deu certo. A coligação que apoia Netanyahu encolheu tanto em número de cadeiras (ficou com 52, das 120 do parlamento israelense) como em número de partidos e lideranças ao seu lado.

Ele perdeu o apoio de Gantz e seu partido Azul e Branco que, obviamente, depois da rasteira voltou à oposição.

Além disso, até o partido de Netanyahu sofreu um racha, com Gedeon Saar, o segundo líder do Likud, rompeu com ele alegando que o premiê não tem mais condição de levar o Likud a uma sólida vitória e, portanto, que Netanyahu não tem mais como comandar o país.

Foi assim que, nesta eleição, o antigo Likud marchou dividido pois uma parcela de seus integrantes passou a se opor a Netanyahu e formar o partido Nova Esperança.

SOCIEDADE DIVIDIDA

Este é o resultado das eleições de agora: apoiam um governo encabeçado por Netanyahu o seu partido o Likud, com 30 cadeiras, e três partidos religiosos, Shas, Torah [Bíblia] Unida e Sionismo Religioso (com 9, 7 e 6 cadeiras respectivamente). Portanto, se Netanyahu formar governo estará inteiramente refém dos religiosos e terá que atender a todas as suas determinações de um conservadorismo antidemocrático – pois rompe com a separação Estado – Religião – o que a maioria dos israelenses não aceita. Além disso, a composição do terceiro destes partidos, o Sionismo Religioso é dos mais abjetos racistas inclusive a corrente kahanista que chegou a ser banida do parlamento israelense.

Já os que não aceitam um governo com o atual premiê à frente são:

Yesh Atid (Há Futuro) cujo líder Yair Lapid emerge como a principal liderança opositora – 17 cadeiras; Cahol Lavan (Azul e Branco) do general Gantz, com 8 deputados; Israel Beiteinu (Israel, Nossa Casa, o mais direitista do bloco opositor), com 7.

Ainda entre os opositores, o Avodá (trabalhista, o tradicional partido de Ben Gurion, Golda Meir e Ytzhaq Rabin) que começa a se recuperar de uma queda após o assassinato de Rabin e sem um líder capaz de dar continuidade a seu projeto de paz através da solução pactuada de dois Estados, Israel e Palestina, mutuamente reconhecidos e aceitos por todos os governos árabes, convivendo em paz, lado a lado. Avodá fica agora com 7 cadeiras tinha ficado com 3 na eleição anterior.

Há ainda, na oposição a Netanyahu, o mais claramente posicionado como 'esquerda sionista', o Meretz (Energia) que, assim como o Avodá, dobrou de votação, crescendo de 3 para 6 deputados, o Nova Esperança (dissidência do partido de Netanyahu, o Likud) com 6 e a Lista Conjunta (comunistas do Hadash, Novo, e partidos de maioria árabe, Ta'al (Renovação) e Balad (Lista Nacional Democrática), com 6 cadeiras.

Ainda estão indefinidos os ultra-direitistas e declaradamente racistas do Yemina (Direita Volver), com 7 votos e a facção árabe mais conservadora que rompeu com a lista conjunta nestas eleições, denominada Lista Árabe Unida com 4 votos.

Portanto, só com o apoio das duas forças predominantemente árabes, a Lista Conjunta e a Lista Árabe Unida, a oposição pode formar governo. Acontece que a oposição pela direita, representada por Israel Nossa Casa e pelo Nova Esperança, até aqui, não quer formar governo apoiado nos representantes dos árabes israelenses, devido a seu arraigado supremacismo judaico.

A CRISE

Enfim, esse resultado é, em realidade, a demonstração – podemos dizer que matemática – da crise da sociedade e do Estado de Israel.

Está muito difícil formar governo sustentado em uma maioria parlamentar, diante deste mosaico partidário, exatamente pela forma divisionista e excludente como a direita, desde a ascensão de Sharon (o carniceiro de Sabra e Shatila) ao poder após o golpe/assassinato de Itzhaq Rabin, tem conduzido o país: discriminação crescente dos árabes israelenses, com base em uma visão místico-bíblica, judaico-supremacista e assalto às terras palestinas ocupadas desde a Guerra dos Seis Dias em 1967, junto a uma opressão aos palestinos repudiada mundialmente.

Leia matéria na íntegra em: www.horadopovo.com.br

Chefe do BC da Turquia é demitido após aumentar a taxa de juros

Anadolu

Casa de câmbio de moedas na Istiklal, principal rua comercial de Istambul

"A elevação dos juros causa inflação de forma indireta", afirma Kavcioglu, novo presidente do BC, que contesta o pretexto usado pelo seu antecessor para o aumento abrupto das taxas bancárias

O brusco aumento da taxa de juros de 17% para 19% provocou a imediata demissão do presidente do Banco Central da Turquia, Naci Agbal, que mal chegou a dois dias no cargo.

A destituição foi anunciada no último sábado pelo presidente turco, Recep Erdogan, após o BC turco ter decretado a elevação dos juros sob a alegação de que serviria para "conter a inflação".

A elevação da taxa básica de juros que a colocou em 19%, o patamar mais alto entre as grandes economias, havia sido saudada como "favorável" por banqueiros e especuladores, mas amplamente condenada pela população e pelo setor produtivo.

Recém-nomeado, Sahap Kavcioglu, ex-membro do Parlamento pelo partido governante AKP, defende a mesma opinião do presidente Erdogan de que aumentos nos juros são contraproducentes, pois iriam "indiretamente fazer a inflação aumentar". "Enquanto as taxas de juros estão próximas de zero no mundo, optar por um aumento da taxa para nós não vai solucionar os problemas econômicos", escreveu recentemente Sahap, em coluna no jornal Yeni Safak.

De ideologia islâmica e nacionalista, o jornal havia acusado Naci Agbal de fazer parte de uma conspiração. "Em nome de quem você realizou esta operação?", questionou a publicação, repudiando a alta de juros.

Kavcioglu será o quarto presidente do Banco Central turco desde julho de 2019.

As demissões anteriores foram centralmente por conta da política monetária de elevação excessiva de juros sob pretexto de contenção da inflação.

Erdogan já declarou em diversas ocasiões que elevação brusca de taxas de juros básica tem com efeito elevar e não conter a inflação, como queriam os presidentes anteriores demitidfos pelo presidente.

Apesar de se dizer comprometido com manter a inflação em torno dos 5% anuais, o novo presidente voltou a destacar que a "elevação dos juros iriam causar aumento da inflação de forma indireta".

A expectativa é de que, durante o mês de abril, o BC estabeleça uma redução nos juros, mas o novo presidente não quis adiantar essa informação.

Diante da possível mudança nos rumos da política monetária, a lira turca foi afetada por uma onda especulativa e perdeu 17% do valor diante do dólar desde a posse de Kavcioglu, mas já houve uma leve recuperação

"Chauvin está no banco dos réus, mas são os EUA que estão sendo julgados"

A declaração foi proferida pelo ativista pelos direitos civis, Al Sharpton, partícipante da luta de Martin Luther King

AFP

"Parem de matar negros", exige manifestante

Não consigo respirar": entra na fase decisiva o julgamento do policial racista que asfixiou George Floyd à luz do dia. O julgamento do policial racista Derek Chauvin, cujas imagens em que asfixia com o joelho o negro George Floyd durante quase nove minutos foram vistas por centenas de milhões de pessoas no mundo inteiro, entrou na segunda-feira (29) na sua fase decisiva.

Como enfatizou o veterano ativista dos direitos civis, reverendo Al Sharpton, "Chauvin está no banco dos réus, mas são os Estados Unidos que estão sendo julgados".

No domingo, em Minneapolis, uma vigília, com a presença dos familiares e de líderes dos direitos civis e do movimento Black Lives Matter, pediu a condenação do policial assassino e homenageou Floyd.

Nas últimas três semanas, foi feita seleção do júri e o julgamento deverá ir até maio. À noite, haverá nova manifestação por justiça e fim da impunidade.

Ao expirar chamando por sua mãe, depois de por 20 vezes ter suplicado que "não posso respirar", Floyd pôs em xeque o racismo entranhado na sociedade norte-americana e a impunidade de uma polícia que se espelha nas milícias caça-escravos dos séculos passados, acabando por desencadear as maiores manifestações contra o racismo em 50 anos e, possivelmente – e ao lado da pandemia – levou à derrota de Trump nas eleições, com a ida em massa dos eleitores negros às urnas em estados que decidiram o pleito.

Antes dos comentários de abertura, o advogado da família, Ben Crump, disse que "começa hoje um julgamento histórico que será um referendo sobre o quão longe os Estados Unidos avançaram em sua busca por igualdade e justiça para todos".

"O mundo inteiro está de olho", enfatizou Crump, antes de se ajoelhar junto aos familiares de Floyd por 8 minutos e 46 segundos, o tempo que Chauvin manteve o joelho sobre o pescoço da vítima em 25 de maio em Minneapolis.

"Oramos para que se faça justiça por George Floyd, que se responsabilize penalmente Derek Chauvin e que isto estabeleça um novo precedente nos Estados Unidos", disse Ben Crump.

Em geral nos EUA policiais que cometem assassinatos em ação sequer vão a julgamento e, nos raros casos, a norma é a absolvição. A regra é a impunidade, sob a proteção legal do excludente de ilicitude e conivência de promotores e juízes.

As autoridades de Minneapolis pediram "calma", e que as manifestações sejam "pacíficas". Desde que se iniciou a seleção de jurados, vêm ocorrendo protestos diários por justiça.

Chauvin, de 45 anos, 19 deles no Departamento de Polícia de Minneapolis será julgado por homicídio de terceiro grau (lesão corporal seguida de morte) e homicídio culposo (quando não há a intenção de matar), com penas que podem ir, respectivamente, a 25 anos e 10 anos. Chauvin foi demitido e está em liberdade condicional desde outubro, após pagar fiança de US$ 1 milhão.

Seus três comparsas, Alexander Kueng, Thomas Lane e Tou Thao, irão a julgamento em agosto por "cumplicidade no homicídio".

Segundo a mídia norte-americana, a estratégia de defesa de Chauvin, de parte do advogado Eric Nelson, será asseverar que ele apenas repetiu o procedimento usual contra um 'suspeito' e o treinamento que recebeu, e que a morte de Floyd não teria nada a ver com a asfixia com o joelho. Teria sido por overdose de fenatil, um opiáceo, do qual foram encontrados vestígios em seu corpo durante a autópsia.

"O que matou George Floyd foi uma overdose de força excessiva", respondeu Ben Crump no domingo.

O veredicto é aguardado para o fim de abril, ou início de maio. Os 12 jurados precisam tomar uma decisão por unanimidade. Em caso contrário, o julgamento será considerado nulo. Este cenário, ou uma absolvição, podem provocar novos distúrbios em Minneapolis e inclusive no país inteiro.

Há algumas semanas a prefeitura de Minneapolis concordou em pagar 27 milhões de dólares por danos e prejuízos à família Floyd para encerrar o processo civil.

"Tenho um grande vazio em meu coração, que não pode ser preenchido, não pode ser preenchido com nenhuma quantidade de dinheiro. Queremos uma condenação", exigiu na vigília de domingo Philonise, irmão de George Floyd.

As declarações de abertura da acusação e da defesa ocorreram na segunda-feira. Depois serão ouvidas as testemunhas e terá início o interrogatório. Esta parte deve durar de duas a quatro semanas.

Leia matéria na íntegra em: www.horadopovo.com.br

Atirador ensandecido mata 10 em supermercado no Colorado

Um atirador desvairado matou dez pessoas a tiros em um supermercado em Boulder, a 40 km de Denver, Colorado, na segunda-feira (22) no enésimo caso de chacina fortuito nos EUA dos últimos 20 anos.

Na semana passada, foram oito – dos quais, seis mulheres asiáticas – os mortos de outra chacina, em Atlanta, Geórgia.

"Nossos corações estão com todas as famílias afetadas. Há 10 mortes", disse o chefe de polícia de Boulder, Maris Herold, em uma entrevista coletiva na noite de segunda-feira, várias horas depois da matança. O suposto atirador foi ferido e preso.

Entre as vítimas está o policial Eric Talley, que foi o primeiro a responder aos relatos de um atirador com "um rifle de patrulha" no King Soopers do bairro de Table Mesa, disse Herold, chamando a conduta do policial de "heroica".

Os nomes de outras vítimas não foram divulgados, pois a polícia ainda precisa notificar seus familiares.

Embora a polícia tenha se recusado a identificar o suspeito, uma transmissão ao vivo de um meio de comunicação local mostrava um homem sendo levado para fora do local do tiroteio algemado. Ele estava parcialmente nu e visivelmente ensanguentado. A polícia disse que a única pessoa ferida no incidente foi o suspeito.

Nenhum motivo para o tiroteio foi estabelecido ainda, com a polícia dizendo que a investigação está em seus estágios iniciais. Junto com a polícia, órgãos federais, estaduais e locais participam da investigação.

O procurador Michael Dougherty prometeu justiça para as vítimas "cujas vidas foram tragicamente destruídas pelo atirador".

Testemunhas descreveram o terror, pânico e caos dentro da loja, durante o tiroteio. Uma avó, que conversava com as netas que estavam na loja ouviu do outro lado da linha pelo menos oito tiros sendo disparados. O pai agarrou as meninas e as levou escada acima para se protegerem em um armário de casacos. Elas depois contaram ter tido muito medo, porque os casacos não eram compridos o suficiente para esconder seus pés.

Ryan Borowski disse à CNN que estava fazendo compras na loja quando ouviu os primeiros tiros e, no terceiro, todos estavam correndo. Ele disse que não podia acreditar no que aconteceu em sua cidade. "Boulder parece uma bolha e a bolha estourou", disse Borowski. "Este parece o lugar mais seguro da América, e quase fui morto por conseguir um refrigerante e um pacote de batatas fritas."

Ambulâncias e vários órgãos de segurança pública chegaram à loja, que faz parte de um grande shopping center com um shopping center de dois andares ao lado.

"PASSOU DA HORA"

A ex-deputada do Arizona, Gabrielle Giffords, defensora do controle de armas e sobrevivente de um tiroteio em massa, disse que a chacina de segunda-feira no Colorado é outro lembrete de que "já passou da hora de nossos líderes agirem" para resolver o controle de armas.

"Isto não é normal e não tinha de ser desse jeito", ela disse em uma declaração. Giffords foi baleada na cabeça em 2011 em Tucson, Arizona, em um evento em que se dirigia a seus eleitores. Ela sobreviveu, mas seis pessoas foram assassinadas pelo atirador. Este tipo de tiroteios em escolas, centros comerciais e locais de culto são frequentes nos Estados Unidos e trazem a marca de uma sociedade que nos últimos 50 anos se dedicou a invadir terra alheia, pilhar, humilhar, seviciar e matar outros povos, deixando um rastro de devastação também nos que se viram reduzidos eles próprios a carne de canhão. Sem falar no histórico, na formação como nação, dos massacres de escravos e indígenas, aos quais se negava a condição humana. Sociedade, ademais, individualista ao extremo, crescentemente incapacitada à empatia e empurrada a se armar. Como se costuma dizer, as galinhas voltam, e de novo voltam, para ciscar em casa.

ONU confirma relato de que sauditas ameaçaram de morte a relatora do caso Jamal Khashoggi

ABI

A relatora da ONU (esq.) e a ex-noiva de Khashoggi

O escritório de direitos humanos da ONU confirmou na quarta-feira (24) a veracidade de comentários recentes da relatora especial Agnès Callamard, que investigou o caso, de que recebeu ameaças de morte, feitas por um alto funcionário da Arábia Saudita, por suas descobertas contundentes sobre o assassinato do jornalista dissidente Jamal Khashoggi dentro do consulado do reino em Istambul em 2018.

"Confirmamos que os detalhes da história do Guardian sobre a ameaça dirigida a Agnès Callamard são precisos", disse o porta-voz de direitos humanos da ONU, Rupert Colville, em resposta por e-mail à Reuters. Coube a Callamard encabeçar a investigação, por ser a Relatora especial da ONU para execuções extrajudiciais, sumárias ou arbitrárias.

Callamard disse ao jornal britânico The Guardian que um colega da ONU a advertiu em janeiro de 2020 que um alto funcionário saudita havia feito ameaças duas vezes contra ela em uma reunião de alto nível com outros altos funcionários da ONU em Genebra naquele mês.

Durante esse encontro, autoridades sauditas repudiaram o relatório e suas conclusões, e ainda insinuaram que a especialista teria recebido dinheiro do Catar.

Quando funcionários da ONU expressaram alarme, outros sauditas presentes procuraram tranquilizá-los de que o comentário não deveria ser levado a sério. O grupo saudita então deixou a sala, mas o alto funcionário saudita visitante ficou para trás e repetiu a ameaça aos demais funcionários da ONU na sala. Especificamente, o funcionário saudita disse que conhecia pessoas que se ofereceram para "cuidar do problema se você não o fizer".

Leia matéria na íntegra em: www.horadopovo.com.br

Islândia conteve pandemia da Covid-19 com testagem, rastreamento e quarentena

Um pouco mais de um ano após o aparecimento do coronavírus, um país tem se destacado como exitoso no combate à pandemia: a Islândia. Os habitantes da pequena ilha remota do Atlântico Norte, em que os cientistas assam salsicha na lava vulcânica, se somam agora aos países que contiveram a propagação do novo coronavírus pela testagem, rastreamento de contatos, quarentena dos casos positivos e distanciamento social.

Com menos de meio milhão de habitantes, o país nórdico praticamente derrotou o vírus tendo registrados – em tratamento – na última quarta-feira tão somente 20 casos, com as baladas, barzinhos e restaurantes já funcionando.

Foram apurados 6.119 casos em toda a pandemia (a primeira onda entre março e abril, e a segunda entre setembro e novembro) e apenas 29 mortes. O último óbito em consequência do vírus ocorreu no final de dezembro.

Em entrevista à BBC, o epidemiologista-chefe do país, Thorolfor Gudnason, explicou que uma das razões pelas quais a Islândia teve sucesso em sua luta contra o coronavírus foi a organização pessoal e funcional. "Estou me preparando para essa pandemia há 15 anos", relatou Gudnason, frisando que, assim que o alarme disparou, ele foi colocado no comando e uma legião veio se somar.

Quando a primeira onda atingiu a Islândia, Gylfi Thor Thorsteinsson abandonou o emprego em marketing para abrir um hotel para pessoas infectadas. "No primeiro dia, a maioria dos funcionários saiu, se recusou a participar", disse Gylfi, mas logo depois retornaram. Ao tomarem consciência do significado do estabelecimento, passaram por lá mais pacientes no último ano do que em todos os hospitais do país. Todos os dias, ele veste seu equipamento de proteção pessoal para visitar e acompanhar de perto os pacientes.

Terminada a primeira onda, a Islândia deu por vencido o vírus e o hotel fechou por não haver mais pacientes. Mas chegou o verão, dois turistas com resultado positivo quebraram as regras de isolamento. "Recebi o telefonema: estava de volta. Em meia hora, abriu novamente e as pessoas continuaram entrando e saindo. E ainda continuam", contou o hoteleiro, devidamente paramentado.

Agora, depois de fazer com que o vírus desapareça de circulação no país, o controle é focado no aeroporto. Desde junho, quem entra deve obrigatoriamente fazer o teste de PCR e ficar em quarentena.

Conforme as autoridades sanitárias da Islândia, a ajuda abnegada de uma das maiores empresas de genética humana do mundo, a deCODE genetics, também foi um ponto chave. Assim que soube da chegada do vírus à ilha, Kari Stefansson colocou seus laboratórios à disposição para ajudar em tudo o que fosse necessário. "No início parecia a extinção da humanidade, então nos lançamos com todas as nossas forças", explicou Stefansson.

Graças ao potencial de enfrentamento coletivo se conseguiu evitar a propagação da temida variante britânica – que assim como a brasileira é muito perigosa. Um primeiro caso entrou e infectou outra pessoa. Ela havia ido trabalhar em um hospital após um show com 800 pessoas, e com algumas no bar durante o intervalo. "Parecia um desastre. Mas aqui, eu testemunhei toda a força do poderoso sistema de rastreamento de contatos da Islândia em ação", contou um entrevistado à BBC.

Em apenas algumas horas, todos foram contatados e mais de 1.000 pessoas foram testadas. No final, apenas mais dois casos foram identificados e imediatamente transferidos para o hotel de isolamento.

Na comemoração dos 20 anos do seu Tratado de Amizade e Cooperação, os dois países reafirmam:

'Parceria estratégica China-Rússia é pilar da paz e do mundo multipolar'

AFP/Ministério do Exterior da Rússia)

Chanceler Sergei Lavrov reúne-se com o colega Wang Yi na cidade chinesa de Guilin

"Quanto mais instável for o mundo, maior a necessidade de manter a aliança China-Rússia", diz a porta-voz chinesa Hua Chunying

Pequim e Moscou, cujo tratado de amizade e cooperação está completando 20 anos, marcaram a data com a ida do ministro das Relações Exteriores Sergei Lavrov a Guilin, cidade turística do sul da China, onde se reuniu na segunda-feira (22) com seu homólogo chinês, Wang Yi, na primeira visita de alto nível desde o início da pandemia. O acordo será prorrogado por mais cinco anos.

Lavrov e Wang se cumprimentaram com os cotovelos efusivamente, o que, de acordo com o jornal South China Morning Post, passa a mensagem de que "a abordagem dura por parte dos Estados Unidos não vai funcionar".

"Quanto mais instável for o mundo, maior será a necessidade de continuar a cooperação China-Rússia", destacou a porta-voz chinesa Hua Chunying. "Lado a lado em estreita cooperação e firme oposição à hegemonia e intimidação, China e Rússia têm sido um pilar da paz e estabilidade mundial", sublinhou.

A reunião se torna ainda mais significativa por ocorrer logo após o confronto entre a China e os EUA na abertura da cúpula no Alasca da semana passada.

Bem como do episódio em que o presidente Vladimir Putin respondeu ao insulto de Joe Biden dizendo que "assassino" era como o próprio norte-americano se via no espelho – pelo mecanismo psíquico da projeção.

Seu convite a Biden para um debate on line ao vivo sobre as relações entre os dois países e as questões internacionais por razões óbvias não foi acatado pela Casa Branca.

Quadro sui generis nas relações entre potências nucleares de primeira ordem, sintetizado pelo portal da rede norte-americana CNN com o curioso título "insultos voam e Biden atraca chifres com Rússia e China".

À chegada à cidade cujo nome, Guilin, em mandarim, soa como 'vizinho honrado', Lavrov reiterou que "não é muito sensato sancionar a Rússia e a China".

Ele acrescentou que Pequim e Moscou estão à procura de uma ordem internacional "justa e democrática", sem sanções e ultimatos e sob a Carta das Nações Unidas e do direito internacional.

De acordo com Lavrov, as relações entre Moscou e Pequim estão "no seu melhor de toda a história" e que o "diálogo mutuamente respeitoso deve servir de exemplo".

Lavrov condenou Washington por pretender, "a qualquer custo", preservar o domínio na economia global e na política internacional, "impondo a sua vontade a todos e em todos os lugares".

MUNDO MULTIPOLAR

Ele assinalou que o mundo está atravessando "mudanças complexas" com a "crescente influência dos novos centros" econômicos, financeiros e políticos que, defendeu, estão levando o mundo para "um sistema verdadeiramente multipolar".

Os dois chanceleres também discutiram o acordo nuclear iraniano, o processo de paz no Afeganistão, a situação em Mianmar, a Síria, a mudança climática e a reforma da ONU, segundo um comunicado do Ministério das Relações Exteriores chinês.

Ainda segundo esse comunicado, os dois chanceleres instaram os EUA a parar com suas atividades de intimidação, parar de interferir nos assuntos internos de outros países e parar de formar grupos para confrontar outros países.

E que prevaleça a Carta da ONU e não a tal de 'ordem internacional das regras' determinadas por um pequeno grupo de países – isto é, para bom entendedor, desde Washington e Wall Street.

Sobre o frenesi de Washington e Bruxelas quanto às sanções, Lavrov observou que "esqueceram-se em grande parte de como se faz a diplomacia clássica. A diplomacia implica na relação entre as pessoas, é a capacidade de ouvir os outros, ter em consideração o seu ponto de vista, encontrar um equilíbrio de interesses".

"São exatamente estes os valores que a Federação Russa e a República Popular da China estão promovendo na diplomacia", sublinhou.

Quando uma conversa a nível diplomático ou político adquire caráter de ultimato, procurando pressionar a contraparte a "reconhecer os seus erros" e aceitar as exigências formuladas, não se trata de diplomacia, afiançou.

"Assim que nossos parceiros ocidentais encontram uma rejeição educada, eles imediatamente passam para as sanções", disse o ministro. A União Europeia seguiu o mesmo "caminho", ao anunciar sanções contra a Rússia sob pretexto fictício e sem apresentar quaisquer fatos ou provas, assinalou.

"Em geral, hoje é errado punir qualquer ator na arena internacional e tentar aplicar essa medida à Rússia ou à China é simplesmente insensato", disse ele.

Para Lavrov, esse tipo de conduta começou "com Barack Obama, continuou por 4 anos, quando o presidente Trump estava na Casa Branca. Agora estamos vendo os mesmos 'traços' mostrados pela nova administração dos EUA", acrescentou.

SOBERANIA

O chanceler lembrou que os Estados Unidos declaram sua meta de limitar as possibilidades de desenvolvimento tecnológico da Rússia e da China.

Para resistir a esse regime de sanções, Lavrov enfatizou a necessidade de reduzir seu impacto através do fortalecimento da independência tecnológica, mudando para moedas nacionais ou alternativas ao dólar em saldos recíprocos, e pediu a rejeição dos sistemas de pagamentos internacionais controlados pelo Ocidente.

Para o chefe da diplomacia russa, os países ocidentais "estão promovendo sua agenda ideológica com o objetivo de manter seu domínio, travando o desenvolvimento de outras nações. Essa política vai contra a tendência objetiva e, como dizem, está do lado errado da história".

Nessas circunstâncias, explicou, a Rússia foi obrigada a seguir "uma linha de desenvolvimento econômico e social de forma que não dependamos desses 'caprichos' de nossos parceiros".

Como registrou o jornal chinês Global Times, a parceria estratégica abrangente de coordenação entre a China e a Rússia para uma nova era "se tornou o ativo diplomático e estratégico mais importante da China e da Rússia, respectivamente, e tem apoiado os dois países no enfrentamento de desafios externos consecutivos".

"As duas sociedades sentiram os benefícios estratégicos. O conceito de "compromisso compartilhado com uma paz duradoura e cooperação ganha-ganha" entre os dois países está profundamente enraizado no coração das pessoas, e as áreas de cooperação entre os dois países têm se expandido", registrou o jornal.

Apesar do impacto da pandemia em 2020, o comércio China-Rússia ultrapassou US $ 100 bilhões pelo terceiro ano consecutivo, e a China continuou sendo o maior parceiro comercial da Rússia pelo 11º ano consecutivo.

A Rússia exportou 83,57 milhões de toneladas de petróleo para a China em 2020, logo a seguir à Arábia Saudita, com 84,92 milhões de toneladas para a China. Suas exportações aumentaram a segurança energética da China.

A China também é o maior mercado de exportação de produtos agrícolas russos, o que não acontecia há dez anos. Entre outros projetos na área da alta tecnologia, a China e a Rússia acabam de assinar um memorando de entendimento para a construção conjunta de uma estação lunar internacional de pesquisa, que estará aberta a outros parceiros internacionais.

Justiça do Equador suspende decreto de Moreno que privatizaria refinaria

A Justiça do Equador aceitou a ação de inconstitucionalidade impetrada contra a privatização da Refinaria de Esmeraldas, apresentada pelo economista Andrés Arauz, candidato à presidência pela União pela Esperança (UNES) nas eleições do próximo 11 de abril. A demanda foi acatada pelo Tribunal Constitucional, que notificou a presidência da República e a Procuradoria Geral do Estado.

"A presente ação tem como propósito impugnar o Decreto Executivo 1094, de 10 de julho de 2020, que autoriza a delegação à iniciativa privada da 'gestão conjunta' da Refinaria de Esmeraldas, cuja constitucionalidade é questionada", afirma a demanda de Arauz.

Há poucos dias de deixar a presidência, Moreno tenta alienar no próximo dia 23 de abril, por meio de um contrato altamente questionável, o estratégico e lucrativo patrimônio público, numa "ação entre amigos" em benefício de transnacionais.

Essa prática de Moreno, condenou Arauz, forma parte do mesmo programa neoliberal que conduziu o país ao caos em que se encontra, com o enriquecimento de uma minoria, particularmente de banqueiros.

Entre as inúmeras irregularidades do decreto, apontou o candidato oposicionista, é que se somente ao Estado corresponde autorizar qualquer delegação à iniciativa privada da gestão dos setores estratégicos, mas que deve, obrigatoriamente, existir uma norma expedida pela Assembleia Nacional. Por outro lado, a delegação para o privado é excepcional, e somente pode ocorrer se a gestão não puder ser realizada por empresas públicas, e em caso de se dar essa situação, por empresas mistas. Por último, em caso de não puder ser feita nem por empresas públicas nem mistas, ser realizada por uma gestão de economia popular e solidária, e não necessariamente privada.

Na matéria específica de hidrocarbonetos não há, além disso, uma norma legal específica que estabeleça os casos de exceção que permitam a delegação da gestão do refino à iniciativa privada, nem norma especial que regule o procedimento a ser feito. Apesar disso, o governo busca a todo custo e a toque de caixa avançar na privatização, forçando o sistema jurídico a um ponto que coloca em risco a transparência do processo e os interesses públicos.

O candidato oposicionista alertou que Moreno, "assumindo funções que não lhe dizem respeito, autorizou delegação espúria, inconstitucional e arbitrária, com graves consequências para a política nacional de hidrocarbonetos, a empresa pública e os trabalhadores da mesma". Nossa decisão, enfatizou Arauz, "é impedir que se dilapidem recursos naturais e estratégicos sob o argumento de que a empresa pública é incapaz de uma gestão eficiente, quando existe o conhecimento, a experiência e recursos humanos necessários".

Para o economista, ex-ministro de Rafael Correa, a tentativa de privatização não responde a uma necessidade real da refinaria, mas à busca de transferência do público ao privado para novos negócios pessoais e ao aprofundamento do neoliberalismo. "Se trata de uma de suas últimas tentativas, da mesma forma que o plano de privatização do Banco Central do Equador. É imprescindível impedir estas ações de última hora que prejudicariam a maioria do povo equatoriano e condicionar o nosso futuro governo", concluiu.

Miamar: ONU condena "assassinatos em massa"

Mais de uma centena de pessoas perderam a vida no último sábado (27) – Dia das Forças Armadas da Miamar – mas mãos das forças de repressão naquela que foi a "data mais sangrenta" desde a tomada do poder pela junta militar em primeiro de fevereiro. Desde então, os mortos na ex-Birmânia já superam os 400, sendo comuns os manifestantes receberem tiros "na cabeça e nas costas".

Imagens compartilhadas nas redes sociais mostram muitas vítimas feridas de balas e famílias enlutadas. O secretário-geral da Organização das Nações Unidas (ONU), Antonio Guterres, se disse "profundamente comovido".

"Palavras de condenação ou preocupação estão francamente soando vazias para o povo de Mianmar enquanto a junta militar comete assassinatos em massa contra eles", disse o Relator Especial da ONU para os direitos humanos em Mianmar, Tom Andrews.

O morticínio contra civis, incluindo crianças, ocorreu quando os manifestantes desafiaram as advertências da ditadura e tomaram as ruas nos povoados e cidades.

"Estão nos matando como pássaros ou galinhas, inclusive nas nossas casas", relatou Thu Ya Zaw, na cidade central de Myingyan, em entrevista à agência de notícias Reuters. "Mas apesar disso, seguiremos protestando. Devemos lutar até a queda da junta militar", acrescentou.

Testemunhas e fontes também relataram à BBC sobre o assassinato de manifestantes nas cidades e vilas de Magway, Mogok, Kyaukpadaung e Mayangone.

Na segunda maior cidade do país, Mandalay, uma marcha fez tremular a bandeira da Liga Nacional para a Democracia (NLD), partido da líder civil Aung San Suu Kyi – vencedora do Prêmio Nobel da Paz em 1991 e secretária-geral da Liga Nacional pela Democracia – que se encontra presa atualmente. Na cidade, uma multidão foi violentamente reprimida por ter feito sua tradicional saudação antiautoriária de três dedos e pelo menos 29 manifestantes foram abatidos, entre eles um menino de apenas 5 anos.

"Sanções unilaterais dos EUA contra vários países dificultam combate à pandemia", denuncia Pequim

O governo da China denunciou que as sanções unilaterais dos Estados Unidos impostas contra vários países fragilizaram o combate internacional à pandemia e contribuíram para a propagação da infecção em todo o mundo.

"Em um momento crítico quando a COVID-19 se espalhou globalmente [...] todos os países deveriam trabalhar juntos para responder à pandemia e manter a segurança da saúde pública global. No entanto, o governo dos Estados Unidos ainda impôs sanções unilaterais a países como Irã, Cuba, Venezuela e Síria, o que tornou difícil para esses países obterem os suprimentos médicos anti-pandêmicos necessários em tempo hábil", afirmou o relatório intitulado Relatório sobre Violações de Direitos Humanos nos Estados Unidos em 2020, elaborado pelo Gabinete de Informação do Conselho de Estado da China, e divulgado nesta quarta-feira (24) pelo Global Times.

Sobre a pandemia, o relatório assinalou a incapacidade do governo Trump em controlar a onda de casos dentro do seu próprio país, ainda que o apregoem ser o que possui "mais abundantes recursos médicos e capacidade de saúde".

E constatou que a resposta dos EUA diante do vírus "foi caótica, levando-os a liderar o mundo no número de casos confirmados de Covid-19 e mortes relacionadas" e que "a inação do governo conduziu à propagação descontrolada da pandemia".

Além das sanções e da atuação dos Estados Unidos perante a pandemia, o documento também cita uma série de outras ações norte-americanas que agrediram os direitos humanos, dos quais se dizem os maiores defensores.

"Os grupos de minorias étnicas sofreram discriminação racial sistemática e estão em uma situação difícil. Pessoas de cor representam cerca de um terço de todos os menores de 18 anos nos Estados Unidos, mas dois terços de todos os menores presos no país. Os afro-americanos têm três vezes mais chances do que os brancos de serem infectados com o coronavírus, duas vezes mais chances de morrer de Covid-19 e três vezes mais chances de serem mortos pela polícia. Um em cada quatro jovens asiático-americanos foi alvo de intimidação racial", detalhou.

Os incidentes de comércio de armas e tiroteios atingiram um recorde nas últimas semanas e o Relatório informou que: "Os norte-americanos compraram 23 milhões de armas em 2020 no contexto de uma epidemia fora de controle, acompanhada por protestos por justiça racial e conflitos eleitorais, um aumento de 64% em comparação com 2019. Os compradores de armas pela primeira vez ultrapassaram os 8 milhões. Mais de 41.500 pessoas foram mortas em incidentes com tiroteios nos Estados Unidos no ano, uma média de mais de 110 por dia, e houve 592 tiroteios contra massas em todo o país, uma média de mais de 1,6 por dia".

Sobre um dos crimes de racismo mais bárbaros documentados, o relatório registrou que "George Floyd, um afro-americano, morreu após ser brutalmente apertado em seu pescoço por um policial branco, gerando um clamor nacional. Protestos generalizados por justiça racial eclodiram em 50 estados. O governo dos EUA reprimiu os manifestantes à força e mais de 10.000 pessoas foram presas. Um grande número de jornalistas foram agredidos e presos sem motivo".

Leia mais no site do HP

Haroldo Lima aponta as conquistas extraordinárias do socialismo na China

Dirigente do PCdoB descreve os avanços econômicos, sociais, tecnológicos e ambientais daquela que já é, hoje, a maior economia do planeta

Haroldo Lima era engenheiro, ex-deputado constituinte e membro da Comissão Política Nacional do PCdoB

HP ESPECIAL

No dia 24 de março de 2021, a Covid, doença perigosa e traiçoeira que recebeu salvo conduto de um presidente obtuso e negacionista, retirou do nosso convívio o camarada Haroldo Lima, dirigente histórico do Partido Comunista do Brasil.

Há exatos três meses, quando concedeu ao HP essa entrevista, ele, com 81 anos, estava lépido, fagueiro e energizado pela nova situação que vai se criando no mundo com a ultrapassagem dos EUA, Europa e Japão pela China, no campo da inovação tecnológica.

Haroldo se encantava com a posição de vanguarda obtida pelo socialismo chinês nas tecnologias de ponta – energias alternativas, internet das coisas, impressão 3D, automação, robótica, inteligência artificial, computadores quânticos, quinta geração de internet móvel, a famosa 5G.

Depois de manter acesa a chama, navegando mais de meio século contra furacões e tempestades, calculava ele que daqui para a frente, com a tendência de ventos a favor, a luta se tornará mais maneira.

SÉRGIO RUBENS DE ARAÚJO TORRES

A seguir, a íntegra da entrevista

HORA DO POVO – ***Como você avalia o papel da China no mundo na atualidade?***

HAROLDO LIMA – A América do Norte e a Europa são as regiões do mundo que mais produzem e mais comercializam e, portanto, mais decidem os rumos da geopolítica internacional, há muito tempo. É o Ocidente, que abarca os dois lados do Atlântico. Lidera esse eixo Atlântico os Estados Unidos.

Há cerca de três décadas, o eixo econômico principal do mundo desloca-se gradativamente para o Oriente, para os países da Ásia, banhados pelo Pacífico. À frente deles está a China socialista, hoje a maior nação do mundo sob o aspecto econômico. O FMI informa que o PIB chinês, medido em Paridade de Poder de Compra, em outubro de 2020, foi de US$ 24,1 trilhões, tendo ultrapassado o dos Estados Unidos que, pelos mesmos critérios, ficou em US$20,8 trilhões. Lidera esse eixo Pacífico, a China socialista que, assim, tem hoje, no mundo, uma importância capital.

Face a pandemia, dados do FMI mostram que, enquanto o mundo terá uma contração de 4,4% em seu PIB de 2020, a China terá um crescimento de 1,9%, único país grande do mundo a crescer. Em 2021 seu crescimento será de 8,2%.

HP - ***Como vê as conquistas sociais da China, entre as quais a erradicação da pobreza e os direitos à saúde, educação e moradia?***

HAROLDO – As conquistas sociais da China são entrelaçadas entre si e são extraordinárias. Agora, no final de 2020, o presidente Xi Jinping anunciou o fim da pobreza absoluta no país, programado há cinco anos para acontecer.

Nesses cinco anos, o governo socialista erradicou a miséria que atingia 93 milhões de pessoas, um feito enorme, mas absolutamente menor que a erradicação da pobreza feita nas últimas décadas de cerca de 600 milhões de pessoas que, sobretudo no campo, viviam em situação de penúria. A pobreza é erradicada quando a população passa a ter acesso a saúde, educação, trabalho. A China parece ser o primeiro país do mundo a erradicar a pobreza absoluta (US$1,5/dia) e, com certeza, dos grandes países, é o primeiro e único.

HP – ***Como analisa os avanços tecnológicos da China e seus impactos no país e no mundo?***

HAROLDO – A primeira experiência socialista do mundo, inaugurada na União Soviética após a Revolução de Outubro de 1917, conseguiu feitos memoráveis nos terrenos econômicos, infra-estrutural, energético, aeroespacial, educacional, cultural, militar. Mas, a partir de determinado momento, não acompanhou o desenvolvimento mundial em tecnologias de ponta e foi ficando para trás em indústrias mais sofisticadas. Isto teve consequências desastrosas para o atraso que acometeu aquela sociedade.

A atual experiência socialista do mundo desenvolve-se, da forma mais expressiva, na grande nação chinesa. E, seguindo caminhos inovadores, diferentes dos seguidos pela União Soviética, a China socialista tem conseguido manter uma posição pioneira nas tecnologias de ponta, na robótica, nas energias alternativas, na internet das coisas, na impressão 3D, na automação, na inteligência artificial, nos computadores quânticos e, destacadamente, na 5ª geração de internet móvel, a famosa 5G. Há pouco, a China lançou o BeiDou, espécie de GPS chinês, mas mais preciso que o GPS.

HP – ***É correta a impressão de que o uso de fontes renováveis de energia tem se intensificado na China?***

HAROLDO – A China está na linha de frente da transição energética em curso no mundo. Tem avançado muito no uso das duas fontes principais das energias renováveis, a eólica e a solar. O Conselho Mundial de Energia informa que a China, antes da pandemia, até fevereiro de 2019, havia instalado mais geradores de energia eólica que qualquer outro país. Seu território apresenta muitas vantagens para a produção de energia eólica, em terra e ao longo de todo seu litoral. Suas fábricas exportam grande quantidade de aero-geradores para o mundo.

No que diz respeito à energia solar, também seus avanços são enormes. Segundo a Agência Internacional de Energia – AIE, de 2012 até 2016, a instalação de painéis fotovoltaicos cresceu 125% na China, sendo que no ano de 2016, o país investiu mais nessa área do que a Europa, os EUA e o Japão juntos. Em duas vertentes registra-se desenvolvimento vertiginoso, na instalação de capacidade produtiva interna e na exportação desses painéis solares.

A China está engajada na superação do uso de fontes poluentes e participa do Acordo de Paris que estabelece metas de diminuição das emissões de CO_2.

O presidente da China, Xi Jinping, em sua obra "A Governança da China" (Vol II), quando escreve sobre "O sonho chinês", fala em "dar asas aos sonhos dos jovens", "criar um meio ambiente melhor para uma China bela", "inaugurar uma nova era de ecocivilização socialista" e "deixar para as gerações futuras um ambiente de céu azul, terra verde e água limpa".

Tudo isto diz respeito ao rumo que o Partido Comunista da China está dando à construção da economia socialista de mercado que empreende na China, que é a economia socialista contemporânea.

Os obstáculos, entretanto, ainda são grandes nesse terreno. A China é rica em carvão e, embora o consumo deste energético poluente do país esteja diminuindo, ele ainda é a principal fonte de energia em vigor. Em 2003, sua participação era em torno de 70% na matriz energética chinesa, participação que foi reduzida para algo em torno de 55%, em 2019.

Outra fonte energética, não poluente, e que cresce na China, é a nuclear. O país conta hoje com 39 reatores, que participam apenas com 3,9 % da matriz do país. Só para comparar, os Estados Unidos tem 99 reatores que contribuem com 20% da matriz energética. A França tem 58 reatores que produzem 72% de toda a energia do país. A Argentina tem 3, que participam com 4,5%, e o Brasil tem 2 que participam com 2,7% da matriz.

HP – ***Pode nos falar da iniciativa chinesa "Nova Rota da Seda" ?***

HAROLDO – Trata-se do maior projeto integracionista e desenvolvimentista que já se fez no mundo em todos os tempos. Foi lançado pela China em 2013, inspira-se na antiga Rota da Seda que integrou o Oriente ao Ocidente desde 200 anos a.C até o século XVI. Enquanto a antiga Rota da Seda era basicamente trilhada por caravanas montadas em camelos e que percorriam longos trajetos por terra, a nova Rota da Seda, hoje chamada de "Um cinturão, uma rota", é um projeto vertiginoso que prevê a construção de infraestrutura de transporte por rodovia, ferrovia, mar e ar, de um lado a outro do mundo.

Na consecução desse gigantesco projeto, a China vem fazendo massivos investimentos, não só em infraestrutura de transporte, mas em gasodutos, oleodutos, portos, aeroportos, assinando acordos com os países por onde a "rota" passará, ou já está passando. Noticia-se que 125 países estão sendo articulados nesse empreendimento e que, em conjunto, já se movimentaram algo como US$ 6 trilhões, uma imensidão de recurso.

A China tem prestigiado enormemente essa iniciativa, sendo ela uma das mais importantes do país. Dados mostram que o investimento chinês no exterior, entre janeiro e outubro deste ano, caiu 3,2%, enquanto para os países por onde passa o "cinturão e rota", subiu 23,1%.

"Um cinturão, uma rota", pretende chegar até a América do Sul, estando em curso negociações com o Chile, Argentina e alguns outros países da região. O Brasil não participa.

HP – ***Quais suas impressões sobre o 14º Plano Quinquenal?***

HAROLDO – Em primeiro lugar, é uma grande vitória do socialismo, sistema baseado em economia planejada. Mostra que o país que mais se desenvolve no mundo de hoje é um país que planeja sua economia pela 14ª vez consecutiva, desde 1953, quando foi elaborado o I Plano Quinquenal da República Popular da China.

O 14º Plano Quinquenal da China, aprovado em outubro passado, indica que a China continuará, no futuro próximo, no caminho de desenvolver sua economia socialista de mercado e manterá o ímpeto desenvolvimentista das últimas quatro décadas. O Plano, previsto para cobrir o período de 2021 a 2025, define metas audaciosas para o desenvolvimento social do país. Do informe da Agência Xinhua sobre o 14º Plano Quinquenal destaco:

-manter "um desenvolvimento econômico sustentável e saudável com base em uma melhoria acentuada na qualidade e eficiência";

-"desenvolver "o mercado interno", "melhorar a estrutura econômica e fortalecer a capacidade de inovação";

-"modernizar a cadeia industrial"; "desenvolver fundamentos mais sólidos para a agricultura";

– "melhorar ainda mais sua economia de mercado socialista e concluir basicamente a construção de um sistema de mercado de alto padrão";

-"A etiqueta social e a civilidade da China serão ainda mais aprimoradas, enquanto os valores socialistas serão mais adotados pelo povo".

HP – ***Como você avalia a elevação das tensões políticas entre os EUA e a China, observada nos últimos anos?***

HAROLDO – Analistas informam que, no passado, muitas vezes sobrevinha guerra quando uma potência hegemônica era ultrapassada por outra. A Segunda Guerra não aconteceu por essa razão, mas a Alemanha cogitava "espaço vital".

Depois que a União Soviética liderou o enfrentamento do nazismo e comandou o processo da vitória contra Hitler, a Guerra Fria começou entre os Estados Unidos e a União Soviética.

Em todo o período da Guerra Fria existiu a ameaça de um novo conflito global entre as super-potências, sendo que, uma opinião aceita é a de que, um dos fatores que fizeram com que a guerra não ocorresse foi o cataclisma geral que ela desencadearia, ou seja, quem a começasse poderia destruir o adversário, mas seria destruído também.

Hoje essa situação perdura e a China, que é a nação que emerge, não tem apetites de intervenção nem posturas belicosas, ao contrário. O mundo também vive uma situação de multipolaridade, se bem que o poderio militar americano é o maior de todos.

Como a característica imperialista dos Estados Unidos não vai mudar, segue-se que a ameaça de guerra continuará. A saída de um governante arrogante belicoso, como Trump, melhora as condições de se esperar, apesar das contradições, por um tempo de paz para o mundo. É o que esperamos.

"As conquistas sociais da China são entrelaçadas entre si e são extraordinárias. Agora, no final de 2020, o presidente Xi Jinping anunciou o fim da pobreza absoluta no país, programado há cinco anos para acontecer. Nesses cinco anos, o governo socialista erradicou a miséria que atingia 93 milhões de pessoas, um feito enorme, mas absolutamente menor que a erradicação da pobreza feita nas últimas décadas de cerca de 600 milhões de pessoas que, sobretudo no campo, viviam em situação de penúria. A pobreza é erradicada quando a população passa a ter acesso a saúde, educação, trabalho. A China parece ser o primeiro país do mundo a erradicar a pobreza absoluta (US$1,5/dia) e, com certeza, dos grandes países, é o primeiro e único"